

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Hildênia Nogueira de Avelar Marques

INTERAÇÕES ENTRE O VIRTUAL E O PRESENCIAL:

um estudo sobre o relacionamento amoroso via Internet

Belo Horizonte

2014

Hildênia Nogueira de Avelar Marques

**INTERAÇÕES ENTRE O VIRTUAL E O PRESENCIAL:
um estudo sobre o relacionamento amoroso via Internet**

Dissertação apresentada ao programa de Pós- Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Márcia Stengel

Belo Horizonte

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M357i Marques, Hildênia Nogueira de Avelar
Interações entre o virtual e o presencial: um estudo sobre o relacionamento amoroso via Internet / Hildênia Nogueira de Avelar Marques. Belo Horizonte, 2014.
77 f.

Orientadora: Márcia Stengel
Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Realidade virtual. 2. Ambientes virtuais compartilhados. 3. Relação homem-mulher - Recursos de redes de computadores. 4. Encontros online. 5. Individualismo. I. Stengel, Márcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.941

Hildênia Nogueira de Avelar Marques

**INTERAÇÕES ENTRE O VIRTUAL E O PRESENCIAL:
um estudo sobre o relacionamento amoroso via Internet**

Dissertação apresentada ao programa de Pós- Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Márcia Stengel

Márcia Stengel (Orientadora) - PUC Minas

Jacqueline Cavalcanti Chaves - UFRJ

Jacqueline de Oliveira Moreira - PUC Minas

Belo Horizonte, 12 de setembro de 2014.

Ao Benjamim, por ter me conduzido à experiência de amar, em todas as dimensões, vivência profunda, que será guardada para sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Fábio, Mário e Juliana, minhas melhores criações, pelo carinho, compreensão e apoio diário. Sustentada por esse afeto seguro, consegui me soltar em direção às questões do amor e realizar esse trabalho. Fica aqui minha gratidão pela “paz-ciência” e por todos os ensinamentos.

Ao meu pai, por ter despertado em mim o gosto pelos estudos. À minha mãe, por manter seu amor por mim, intacto, na memória.

À prof.^a Márcia Stengel, pelo apoio, clareza e atenção às minhas palavras na condução da orientação da pesquisa. O mestrado significou para mim uma mudança, via linguagem, no contato com a vida.

Aos meus clientes que, através da confiança em mim depositada, vêm me ensinando muito ao longo desses anos. Em cada escuta, um aprendizado.

A Lena, pela dedicação com a qual cuidou da minha casa nesse período de estudo.

A experiência amorosa exige sacrifício. Não se ama para ser recompensado. O amor é a sua própria recompensa. Não resisto em citar Drummond falando da poesia coisa parecida: “Poesia, o perfume que exalas é tua justificação.” Não há amor fácil, mas todo amor é maravilha, saúde, “remédio contra a loucura,” coisa que Guimarães Rosa ensinou. É a experiência humana mais exigente. Não é contrato, troca de favores, investimento, é entrega e compromisso. Do “sacrifício de amar” nasce a mais perfeita alegria. Ninguém faz cara feia quando se sacrifica por amor. Não se trata de anulação, subserviência de quem ama, trata-se da morte do ego, tarefa a ser feita até o último suspiro. (PRADO, 2013)

RESUMO

Este trabalho tem como tema o relacionamento amoroso via Internet. São consideradas as possibilidades que a Internet abre para o estabelecimento de relações amorosas, que também se darão presencialmente. Destaca-se, nessa dissertação, o estudo sobre as relações amorosas da contemporaneidade, à luz do pensamento de Bauman, a partir de sua teoria de liquidez, num contexto marcado pelo individualismo. Discute-se como o sujeito contemporâneo está se relacionando em um cenário caracterizado pela fragilidade e velocidade das relações, e como essa realidade está levando-o a buscar novas formas de relacionar-se. A constatação de que vivemos num mundo individualista leva-nos a pensar como estão acontecendo as relações amorosas virtuais e até que ponto elas estão sendo vividas de forma satisfatória. O objetivo central do trabalho é investigar como o relacionamento amoroso virtual está ocorrendo, visando compreender seus impactos nos processos psicossociais. Por entendermos o amor como construção em andamento, buscou-se contextualizá-lo. O mecanismo das novas relações foi estudado a partir do modelo proposto por Giddens, o relacionamento puro, que apontou para uma tendência das experiências amorosas de dar e receber afeto através de uma relação confluyente, mais equiparada, que o autor chama de democrática. Além dos textos de Bauman e Giddens, obras de outros autores contemporâneos, como Singly e Luhmann, também contribuíram para a realização deste estudo. Singly aponta para a dificuldade de conciliação da liberdade com a estabilidade, como um obstáculo dos relacionamentos amorosos atuais. Luhmann destaca que as relações amorosas da contemporaneidade utilizam um código próprio, que, por ser tão específico e particularizado, dificulta o processo do envolvimento amoroso. Foram adotados como campo de pesquisa três casos apresentados no livro “Amor na Internet: quando o virtual cai na real,” de autoria da jornalista Alice Sampaio. A metodologia qualitativa utilizada propõe a investigação das histórias a partir da análise de conteúdo, que foram estudadas através de quatro categorias: a facilitação dos contatos, a mentira, a idealização da imagem, e a intimidade e distância: um desafio pós-moderno. A pesquisa revela que a fusão do homem com a máquina trouxe mudanças significativas nas formas de interagir na atualidade, que estão transformando tanto os modos de subjetivação quanto as maneiras de relacionar-se afetivamente. Os resultados do estudo apontam para a virtualidade como uma nova forma satisfatória de relacionar-se que, mediante suas características e especificidades, potencializa as possibilidades de contato através do aumento de conexões.

Palavras-chave: Relacionamentos amorosos. Individualismo. Virtual. Presencial. Internet.

ABSTRACT

This dissertation is focused on internet-based love relationships. It considers love relationship possibilities, enabled by the Internet, which also take place in person. The dissertation analyzes love relationships in contemporary times, considering Bauman's line of thought and his liquidity theory, in a context shaped by individualism. The discussion is centered on the engagement of the contemporary subject in relationships, in a scenario characterized by fragility and velocity, and on how such a reality affects the pursuit of new types of relationships. The context of an individualistic world encourages one to think about the manner virtual love relationships take place and the extent to which they are experienced in a satisfactory fashion. Thus, the central objective of this research effort is to investigate how virtual love relationships are occurring, in order to understand the impacts on sociopsychological processes. Since love is understood as an ongoing construction, the work sought to place it in context. The mechanism of new relationships has been studied, in light of the approach adopted by Giddens, i.e. pure relationship. It suggests love experiences are taking place in accordance with a trend of giving and receiving affection, through a confluent and more balanced relation, which, the author argues, is democratic. Besides Bauman and Giddens, the research has also relied on the work of other contemporary authors, such as Singly and Luhmann. Singly highlights the difficulty to conciliate freedom and stability as an obstacle to current love relationships. Luhmann points out that love relationships in contemporary times are based on a *sui generis* code, which hinders the love engagement process for being very specific and customized. Three case studies presented in Alice Sampaio's book "Amor an Internet: quando o virtual cai na real" have been considered throughout the research. The qualitative methodology suggests the investigation of the stories against the backdrop of content analysis. Hence, the cases have been studied through four categories: facilitation of contacts, the lie, the idealization of image, and intimacy and distance as a post-modern challenge. This dissertation suggests that the fusion between man and machine has brought about significant changes in the forms of interaction in contemporary times, which are transforming subjectivity manners as well as manners of affection relationships. The results suggest that virtuality is a new and satisfactory type of relationship, which enhances the possibilities of contacts by increasing connections.

Key words: Love relationships. Individualism. Virtual. Presence. Internet.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. RELAÇÕES AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE.....	16
2.1 Relação amorosa: construção em andamento.....	16
2.2 Homem e mulher: dois olhares sobre as relações.....	20
2.3 O individualismo na sociedade atual.....	21
2.4 As relações amorosas contemporâneas.....	24
3. ENCONTROS VIRTUAIS - NOVAS POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTOS.....	28
3.1 O virtual e suas características.....	28
3.2 Impactos trazidos pela virtualidade.....	30
3.3 A fusão do homem com a máquina.....	33
3.4 Virtualidade: cenário de muitas possibilidades.....	35
4. UMA CONVERSA DO CAMPO COM A TEORIA.....	40
4.1 Metodologia.....	40
4.2 Apresentação dos casos.....	43
4.2.1 <i>Caso 1: Amor Ultramarino</i>	43
4.2.2 <i>Caso 2: Que mulherada carente!</i>	46
4.2.3 <i>Caso 3: Atração à primeira teclada</i>	48
5. CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	50
5.1 A facilitação dos contatos.....	50
5.2 A idealização da imagem.....	52
5.3 A mentira.....	59
5.4 Intimidade e distância: um desafio pós-moderno.....	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho discute-se como os relacionamentos amorosos via Internet vêm acontecendo, bem como sua dinâmica evolutiva no contexto contemporâneo. São consideradas aqui as possibilidades que a Internet abre para o estabelecimento de relações amorosas, que se darão presencialmente, como a escolha de parceiros, por exemplo. Segundo Bauman (2004), se por um lado a proximidade virtual aumenta a frequência das interações humanas, por outro, faz com que elas se tornem mais breves e superficiais, dificultando a construção de laços sólidos. A busca pela Internet como forma para iniciar e manter relacionamentos afetivos tem crescido muito no mundo globalizado. Essa nova modalidade de relacionamento pode provocar no internauta uma falsa sensação de conexão, tendo em vista que os contatos, muitas vezes, se restringem à transmissão de informações, mensagens e imagens. Tendo como características a rapidez e a facilidade, esses contatos podem levá-lo a pensar que já se iniciou um relacionamento amoroso quando, na realidade, em muitas situações, é algo que ainda pode estar por vir.

Este estudo é substancialmente motivado pela obra de Bauman, especialmente a partir de seu livro “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.” Em entrevista recente (BAUMAN *apud* MONTAÑO, 2011), o autor aborda especificamente o tema do relacionamento virtual, o que veio a confirmar meu interesse pelo assunto. O sociólogo chama de modernidade líquida essa era caracterizada pela fragilidade das relações humanas, marcada pela rapidez, pela flexibilidade e pelo afastamento físico. É nesse cenário do não presencial que acontecem os relacionamentos virtuais. Diversos autores como Bozon (2005), Nicolaci-da-Costa (1998), Dela Coleta, Guimarães (2009), entre outros, também estão estudando sobre essa nova modalidade de relacionamento e sobre os reflexos trazidos por ela nas relações amorosas da atualidade.

A contemporaneidade tem sido marcada como uma época na qual o individualismo exacerbado não parece favorecer a construção de relações amorosas sólidas e duradouras. A construção de uma relação amorosa estável demanda tempo, dedicação e, muitas vezes, renúncias, atitudes frequentemente incompatíveis com o culto ao individualismo. No cenário atual, o atendimento a demandas pessoais é bem visto e valorizado no convívio social. Hoje, “bem resolvido” é quem busca satisfação de seu desejo. Desde a Revolução Industrial, houve muitas transformações nos costumes e hábitos de vida. O crescimento do número de cidades, os avanços tecnológicos e a falta de tempo levaram a um aumento na quantidade de informações e a mudanças nas formas de comunicação. (LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN,

2004). Lipovetsky (2005) afirma que, quanto maiores são as possibilidades de encontros na cidade, maior é a queixa dos indivíduos de solidão. Segundo o autor, a solidão e a sensação de vazio dificultam o reconhecimento de uma relação intensa.

Entretanto, é importante considerar que muitas foram as mudanças trazidas pela vida corrida dos centros urbanos, que, como consequência, provocaram inúmeras dificuldades nos relacionamentos sociais, como a falta de tempo e as grandes distâncias, que acabam causando um afastamento entre as pessoas. Diante dessas novas circunstâncias da vida, grande parte da comunicação passou a ser feita através do mundo virtual, sendo a Internet, atualmente, a principal rede de comunicação.

Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2009) ressaltam que, a partir dela, surgiram novas possibilidades de relacionamento interpessoal, com formas adaptadas para os relacionamentos virtuais. Para os autores, a facilitação da comunicação favoreceu a permanência do homem em casa e criou uma nova forma de conhecer pessoas. As formas da comunicação virtual estão crescendo, e suas modalidades vêm se multiplicando, podendo-se citar como exemplo as salas de bate-papo, os *chats* de relacionamento, as comunidades virtuais e redes de relacionamento, como o *Facebook*. Diante dessa oferta, o número de pessoas que busca relacionar-se afetivamente por meio do contato virtual cresceu sensivelmente. Os *sites* que funcionam com o objetivo de aproximar pessoas que buscam um relacionamento amoroso têm crescido. É cada vez mais comum escutarmos, na clínica, relatos de alguém que está à procura de um relacionamento amoroso via Internet.

Vilicic e Lucchesi (2013), em recente reportagem na revista *Veja*, afirmam que em cada cinco relacionamentos amorosos têm início na Internet, resultado que aponta para um crescimento significativo da busca por parceiros amorosos virtuais. Os autores ressaltam que essa realidade parece estar sinalizando grandes mudanças nas formas do “namoro” atual, levantando várias indagações que, entre outras, nos levam a questionar se estaríamos, através dessa nova prática, encerrando a era do amor romântico. Esse período, que teve início no século XVIII, apresentou como características marcantes uma valorização da relação entre sujeito individual e realidade e introduziu a ideia do casamento por amor. O aumento dessa nova modalidade de busca por relacionamentos aponta para as mudanças que as relações amorosas vêm sofrendo a partir dessa nova forma de relacionar-se.

Tanto Vilicic e Luccheci (2013) quanto Nicolaci-da-Costa (1998) e Dela Coleta; Dela Coleta e Guimarães (2009), ressaltam que o relacionamento virtual, por não apresentar barreiras geográficas, facilita o encontro de pessoas que estão fisicamente afastadas, expandindo essas possibilidades. Nessa nova forma de relacionamento, os internautas

rejeitados permanecem no anonimato, enquanto os escolhidos vêm à tona. Essas características dos relacionamentos virtuais mostram como a tecnologia vem transformando toda a maneira de pensar e de viver os relacionamentos amorosos na atualidade (VILICIC; LUCCHECI, 2013).

É a partir dessa realidade que surgem nossos questionamentos. Se, por um lado, o mundo virtual não oferece barreiras geográficas e permite a interação entre pessoas de diferentes lugares, por outro, inaugura uma questão importante, que é a dispensabilidade do contato físico nos primeiros momentos, como vemos acontecer, em algumas situações, nos contatos virtuais. Muitas vezes, o internauta envia fotos, mensagens e apresenta-se como quer, da forma como lhe for mais conveniente ou através de apelidos, chegando até a criar outro nome, em algumas situações.

Na prática clínica, o que observamos é que, na maioria das vezes, esses contatos são rápidos, superficiais, e, quando evoluem, limitam-se a poucos encontros, a modalidades do “ficar”, a noites de sexo, entre outras formas. Pode estar aí um grande atrativo do namoro virtual. Ao contrário da condição do encontro físico dos relacionamentos amorosos presenciais, o relacionamento amoroso virtual pode permanecer no anonimato, ou seja, tem mais possibilidades de não precisar ser comentado, aceito ou criticado. De certa forma, os parceiros do relacionamento virtual não ficam expostos a comentários alheios. Outra característica que acaba, muitas vezes, sendo vista como vantagem é a de que esse relacionamento pode ser finalizado com a mesma rapidez com que começou, aumentando uma possível - e talvez falsa - sensação de liberdade ou de descompromisso. A facilidade e a rapidez que os relacionamentos virtuais proporcionam aos internautas parecem minimizar, em muitas situações, as dificuldades trazidas tanto para o início quanto para o término das relações. No caso dos relacionamentos virtuais, essas características, também presentes nas demais relações da contemporaneidade em geral, ficam potencializadas.

Muitas vezes ouvimos, na clínica, pessoas que estão em busca de relacionamento amoroso na Internet, queixando-se de solidão e manifestando, ao mesmo tempo, medo de um envolvimento maior, mais profundo. Um dos grandes atrativos dessa nova modalidade de relacionar-se pode também ser atribuído à criação e ao uso de regras, como, por exemplo, o não envolvimento dos filhos, da família, do ambiente de trabalho. Nota-se que o objetivo dessas regras é evitar um comprometimento mais significativo e que, por algum motivo, possa expor os envolvidos ou colocá-los em situações difíceis.

A partir de tudo isso surge outra indagação: quem busca um relacionamento virtual estaria disponível para o investimento amoroso presencial, estaria em busca de uma

construção afetiva sólida e duradoura ou estaria apenas à procura de diversão e aventura? Afinal, o que o sujeito procura ao escolher um relacionamento virtual? Levando-se em conta que, historicamente, o amor tem sido o mais procurado dos sentimentos e tendo em vista o aumento da procura por relacionamentos na Internet, fica a pergunta: o que deseja realmente o sujeito contemporâneo que, apesar de estar inserido nesse contexto individualizado e de não demonstrar vontade de abrir mão dele, busca incessantemente o encontro amoroso? Seria o namoro pela Internet uma possibilidade de conciliação da relação amorosa com a preservação da individualidade do sujeito contemporâneo?

A condição gregária inerente ao ser humano nos faz refletir sobre a possibilidade da coexistência do espaço individual e do espaço de fusionalidade, essencial à criação do vínculo amoroso. Segundo Freud (1930/1974), o homem é um ser “sociável”, que só existe a partir do “outro”. E o amor pressupõe esse “outro” sujeito, que está sem espaço dentro do atual contexto individualista. Entretanto, como seres de falta e de desejo, estamos sempre em busca da outra “metade.” Vivemos à procura dessa completude que está, muitas vezes, associada a um sonho maior, o de ser feliz.

Os motivos que me levaram a pesquisar esse tema surgiram do meu interesse em entender como os sujeitos contemporâneos, imersos em suas culturas e interligados através do contato virtual, podem formar um espaço comum de fusionalidade necessário à criação do vínculo amoroso. Essa situação parece apontar para um paradoxo que nos faz pensar numa “coexistência” difícil entre a individualidade e a relação amorosa. Estamos diante de uma encruzilhada: juntar o que é de cada um num espaço comum de dois.

De acordo com a literatura estudada, percebe-se que o relacionamento amoroso virtual vem criando um novo modo de vivenciar as relações afetivas. Essa facilitação dos contatos virtuais propiciada pela tecnologia parece estar modificando, de forma significativa, as práticas amorosas. Diante desse cenário, pretendo investigar como essas práticas vêm acontecendo e quais têm sido seus impactos nas formas de relacionar-se da atualidade. Daí a importância do tema, pois essa pesquisa poderá contribuir para a compreensão de como a Internet está fazendo parte de nossa vida, mudando a maneira como nos constituímos como sujeitos e a forma como estamos nos relacionando com o outro e com o mundo.

Há algum tempo essas questões me motivam e me impulsionam rumo aos estudos em busca de maior conhecimento e de compreensão do tema. Apesar de todos os dilemas, o sujeito contemporâneo continua apostando no amor como questão fundamental para o alcance da tão sonhada felicidade. Até que ponto o relacionamento amoroso via Internet é uma resposta satisfatória? É importante esclarecer que o relacionamento via Internet, do qual

estamos tratando nesse trabalho, é toda aquela relação que se dá no universo virtual, de forma não presencial, em algum momento do envolvimento amoroso, independentemente de a relação ter ou não continuidade ou de ter um desfecho presencial ou virtual. Espera-se que a pesquisa possa contribuir, de alguma forma, com as pessoas que procuram a Internet com esse objetivo, por meio da divulgação dos resultados alcançados.

A estrutura utilizada nesta dissertação será a seguinte: no primeiro capítulo abordaremos, inicialmente, o tema das relações amorosas na contemporaneidade, a partir da ótica de Bauman e de seu conceito de liquidez. No segundo capítulo, apresentaremos o amor como construção em andamento, apontando como o sentimento é vivenciado pelos homens e mulheres em um contexto caracterizado pelo individualismo. Na fase seguinte, destacaremos as características dos relacionamentos amorosos atuais, conforme o pensamento de Singly e de Giddens, bem como os impactos trazidos pelas novas configurações de relações, decorrentes das mudanças dos hábitos e valores contemporâneos. No terceiro capítulo, faremos uma exposição de como os encontros virtuais estão acontecendo, apresentaremos suas características e discutiremos como a virtualidade inaugurou uma nova forma de relacionar-se. Em seguida, destacaremos como a Internet está conduzindo o indivíduo a uma situação de fusionalidade com a máquina e inaugurando novas possibilidades de relacionamento. No quarto capítulo, será apresentado um diálogo de três casos apresentados, extraídos do livro da jornalista Alice Sampaio, com o referencial teórico. No quinto capítulo, os casos serão analisados através de quatro categorias, que abordarão os relacionamentos amorosos virtuais dos casos estudados a partir da facilitação dos contatos, da idealização da imagem, da mentira, e da intimidade e distância como desafio pós-moderno. Por fim, serão apresentadas algumas conclusões referentes à nossa reflexão sobre como o relacionamento amoroso virtual está acontecendo e sobre os impactos causados por ele na atualidade.

Convidamos o leitor a fazer conosco essa trajetória, que demandou trabalho árduo de muitas horas de estudo e que, para além disso, apresentou-nos um desafio complexo de desconstrução de ideias e valores relacionados às experiências amorosas assimiladas numa fase anterior à virtualidade, que abriu nossos horizontes, conduzindo-nos à realidade do tempo presente, atualizando nosso olhar para essas práticas.

Este trabalho aponta para uma mudança radical nas relações da contemporaneidade, marcada pela ausência da contiguidade, que se apresenta associada a novas possibilidades de encontros amorosos. Acreditamos que, da mesma forma que aconteceu conosco, o leitor será também surpreendido por ideias e práticas novas, possíveis no cenário amoroso, que o

conduzirão a uma nova maneira de perceber os relacionamentos amorosos da contemporaneidade.

2 RELAÇÕES AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE

Busca-se, neste capítulo, abordar a questão do relacionamento amoroso sob a ótica do feminino e do masculino, bem como a presença marcante do individualismo e os reflexos causados por ele nas relações amorosas, na sociedade atual. Em seguida, pretende-se apresentar as características desses relacionamentos e apontar para novos modelos de relações.

2.1 Relação amorosa: construção em andamento

O relacionamento amoroso ocupa um lugar de destaque nas interações sociais da vida da maioria dos indivíduos da cultura ocidental; e deve ser compreendido a partir da ótica do sujeito que o aborda, em um contexto histórico-sociológico e cultural demarcado e, por isso, submetido a transformações. A relação amorosa sofre mudanças socioculturais, que são absorvidas pelo sujeito, e ele se apropria delas de acordo com seu imaginário e com suas expectativas, crenças e valores sociais. Portanto, cada relacionamento amoroso é único. Isso nos leva a tratar a questão da relação amorosa como algo dinâmico, em construção (CHAVES, 2004).

Freud (1910/1974), em seus escritos “Contribuições à psicologia do amor I”, explica que as ligações amorosas são experiências egressas da fixação infantil de sentimentos de afeto vivenciados no relacionamento com a mãe; e ressalta que esse aprendizado dá origem a duas correntes, distintas e contínuas, presentes na *psique* dos indivíduos: a afetiva e a sensual. A psique afetiva está relacionada ao instinto de autopreservação, tem como foco central os familiares e cuidadores da criança e carrega, desde cedo, pulsões. A sensual é a que transporta a libido, cargas de energia sexual que, com o passar do tempo, ficam mais fortalecidas. No momento da puberdade, as duas correntes se unem e formam a importante corrente sensual, que já parte, atualizada, em busca de novos objetos amorosos. O autor nos faz pensar no amor como uma força pulsional e contínua, carregada de energia sexual, a qual chamou de libido, que pode ou não conectar-se a um objeto (FREUD, 1910/1974).

Numa fase posterior, Freud (1930/1974) deixa claro que o objetivo maior do indivíduo é ser feliz; e destaca que a possibilidade de felicidade está na satisfação de necessidades carregadas de tensão, que, ao serem descarregadas, proporcionam prazer. A partir dessa ideia, pode-se pensar na possibilidade de felicidade vinculada à satisfação do

prazer, tendo em vista que o autor considera o amor sexual o mais importante canal para obtenção de prazer (FREUD, 1930/1974).

Já os sociólogos da contemporaneidade, citados a seguir, ao contrário do enfoque estruturalista freudiano, tratam do tema a partir de uma outra ótica, apontando para a relação amorosa como processo em andamento, sujeito às constantes oscilações sociais.

Luhmann (1991) percebe o amor como uma construção social, que acontece através de um código que conduz ao sentimento amoroso. Conforme o pensamento do autor, o código, sistema complexo e específico, funciona como uma base de acesso que facilita e possibilita as interações sociais. O amor seria o meio de comunicação utilizado em um contexto social elaborado e individualizado. Luhmann nos faz entender o amor não como um sentimento universal, comum a todos, mas como uma construção personalizada, contextualizada e cifrada.

Para Singly (2003), o amor representa um elo entre os indivíduos, que é fundamental na contemporaneidade, mas apresenta-se de forma contraditória: busca, ao mesmo tempo, segurança e estabilidade, sem abrir mão da autonomia propiciada pela liberdade. Explica seu pensamento afirmando que “[...] o amor é um elo moderno na medida em que reúne indivíduos que se definem como “pessoas” desligadas por um lado das suas pertenças e dos seus papéis. Ele exige a desfiliação, bem como a criação de uma identidade pessoal.” (SINGLY, 2003, p.190). Os “indivíduos” da sociedade contemporânea não aceitam mais a ideia de submissão ao papel social pregada pela sociedade holista, que unia as pessoas a partir de uma ordem preestabelecida, tornando-as associadas a determinadas organizações. Na atualidade, a identidade individual prevalece sobre a identidade social. Dessa forma, nas sociedades ocidentais, não se admite mais a ideia do casamento combinado. Os indivíduos se escolhem uns aos outros com liberdade e não se sentem obrigados a permanecer unidos, a não ser por vontade própria. Aí está o paradoxo: busca-se, ao mesmo tempo, pela segurança de uma relação estável e pela liberdade.

Bauman (2004) destaca que o investimento no relacionamento amoroso busca, principalmente, por segurança em relação aos sentimentos do parceiro, conquista alcançada através da confiança depositada no relacionamento a partir da responsabilidade para com o sentimento e o empenho do outro, que, num clima de estabilidade e certeza, tende a procurar o compromisso. A segurança, tão desejada nas relações, também pretende afastar a possibilidade do sofrimento em caso de rompimento do relacionamento. No atual cenário de liquidez das relações, a segurança está ameaçada pela falta de compromisso típica da flexibilidade. Entretanto, aponta que, em toda parceria amorosa, estão presentes dois seres e

que cada um é uma “incógnita”, um universo desconhecido na relação com o outro. Amar significa correr os riscos de penetrar num mundo novo, é um estado de constante incerteza. O autor explica sua ideia afirmando que “[...] O amor é uma hipoteca baseada num futuro instável e inescrutável” (BAUMAN, 2004, p.12). Comprometer-se, ainda que superficialmente, num cenário de liquidez, acaba por afastar outras possibilidades de relacionamentos e por cercear a liberdade. De acordo com a ótica do sociólogo, em um terreno caracterizado pela flexibilidade, a flutuação, característica típica dos relacionamentos contemporâneos, está focada nas proporções do dar e receber afeto, prioriza o prazer do momento, e não a duração da relação. Dessa forma, torna-se difícil manter uma situação de confiança, já que, muitas vezes, os relacionamentos atuais são apoiados só na intimidade e permitem aos parceiros a possibilidade de ir e vir, deixando os envolvidos em um clima de instabilidade. Já a fixação, tentativa de preservar o relacionamento no cenário da liquidez, busca criar uma relação de confiança que, por estar condicionada a obrigações e a uma rotina, torna-se, da mesma forma, uma ameaça à relação. Independentemente da situação na qual está inserido, o amor traz consigo essa ambivalência, que acaba provocando insegurança e sofrimento.

Bauman (2004), ao atribuir um caráter de fluidez às experiências amorosas da contemporaneidade, compara as relações atuais com a cultura consumista, que promete prazer instantâneo, sem o esforço do investimento para ser conquistado nem a garantia da durabilidade. Já Giddens (1993) afirma que relacionamento, como tipo de ligação emocional próxima e continuada com o outro, é uma expressão recente. O autor destaca que as mulheres tiveram papel fundamental na transformação de intimidade e que elas inauguraram novo espaço nas relações, que favorece o aparecimento da igualdade entre os casais.

Chaves (2004), Luhmann (1991), Singly (2003), Bauman (2004) e Giddens (1993) percebem a relação amorosa como uma prática importante e desejada nas interações sociais da contemporaneidade, a qual, para ser abordada, precisa ser contextualizada e datada. O pensamento dos autores citados aponta para uma forte tendência dos relacionamentos amorosos atuais pela busca de preservação do espaço individual, por direitos e deveres igualitários entre os pares e pela presença do amor e da satisfação do desejo nas relações.

Paz (2001) afirma que existe, na atualidade, uma tendência de substituição do amor pelo erotismo; compara o amor à morte como vivências desestabilizadoras do ser humano. Segundo o pensamento do autor, o amor é, na maioria das vezes, algo ameaçador, que pode trazer transtornos e problemas e, por isso, é bom que permaneça afastado, ou mesmo banido. Como consequência, tem sido substituído, com frequência, pelo erotismo do relacionamento

sexual. Giddens (1993) aponta para a união entre amor e o erotismo como aspecto fundamental para a manutenção ou o término das relações. Segundo o autor, a *ars erótica* é a chave do relacionamento confluyente, no qual o amor é ativo e pressupõe uma troca equilibrada no dar e receber afeto, priorizando o prazer sexual. O relacionamento confluyente valoriza a relação especial em detrimento da pessoa especial e inaugura a possibilidade de muitas pessoas realizarem-se sexualmente, já que o parceiro só vai permanecer na relação enquanto for conveniente para os envolvidos. O amor confluyente demanda a estrutura do relacionamento puro, ou seja, a relação baseada no que o outro pode oferecer, na qual o conhecimento das especificidades e características do parceiro ocupa lugar de destaque nos relacionamentos. Dentro desse novo modelo de amor, o desempenho sexual dos parceiros é fundamental na relação, precisa ser discutido e avaliado. Portanto, na atualidade, não se pensa em uma relação amorosa satisfatória sem a presença do prazer sexual.

Conforme o pensamento de Badiou e Truong (2013), o amor precisa ser repensado, reinventado. Os autores justificam essa ideia afirmando que, na atualidade, cada indivíduo persegue seu desejo, o que leva o amor a ser vivenciado como uma contraexperiência sustentada na confiança atribuída ao acaso. Afirmam que o risco e a aventura deveriam substituir a segurança e o conforto - tão cobiçados - nas relações amorosas da contemporaneidade, inclusive dos relacionamentos que acontecem no mundo virtual. Segundo os escritores, o amor torna-se ameaçado pela garantia da segurança que, como na sociedade de consumo, seria o amor com o “seguro total”, e pelo conforto de prazeres limitados, ou seja, um relacionamento sob controle, com relacionamentos sexuais prazerosos, mas independentes do envolvimento amoroso intenso e desmedido.

Badiou e Truong (2013) ressaltam que o que é universal no amor é que toda vivência amorosa aponta para uma nova experiência, baseada na verdade, de como é ser “dois.” Isso significa existir no mundo atravessado pelo “outro,” segundo os autores, através da diferença demarcada pelo “dois.” Isso faz do amor uma experiência dolorosa, que aponta para a polêmica da identidade com a diferença. Como experiência de singularidade, o amor não está sujeito a leis; existe de maneira desinteressada e está voltado somente para ele mesmo. A compensação de seu grande investimento é a possibilidade de alcance da sonhada felicidade o que significa que a partir do outro é que a experiência do amor se torna possível (BADIOU; TRUONG, 2013).

2.2 Homem e mulher: dois olhares sobre as relações

O amor é percebido e vivenciado de formas diferentes entre homens e mulheres. Destaca-se, entretanto, que essas diferenças não podem ser entendidas de forma generalizada. Muitas vezes, o amor apresenta-se vinculado ao sentimento feminino. Neves (2007) afirma que as mulheres sempre estiveram mais suscetíveis que os homens com relação às ideias do amor romântico, reivindicando, além da cumplicidade entre o casal, a exigência do casamento por amor. A partir desse ideal é possível fazer uma diferenciação importante sobre a forma como o homem e a mulher percebem o amor: “[...] O homem ama o amar, a mulher, o homem; por isso, aquela ama, por um lado, mais profunda e espontaneamente, por outro, com mais entrega e menos reflexão” (LUHMAN, 1991, p.181).

Neves (2007) explica que a maneira como os homens e as mulheres vivenciam o relacionamento amoroso é diferente. Alguns dados mostram que os homens são mais atuantes no início do relacionamento através do diálogo e da busca pela solução de dificuldades. Já as mulheres aparecem mais investidas e dedicadas, numa fase posterior da relação. Essa prática sugere que elas estão mais ligadas na manutenção das relações de intimidade, ideia reforçada pelo caráter atribuído à mulher como cuidadora e mantenedora dos vínculos da família e das relações de afeto (NEVES, 2007). Beauvoir, citada por Neves, ao falar do amor afirma que: “[...] não é de uma lei da natureza que se trata. É a diferença das situações que se reflete na concepção que o homem e a mulher têm do amor” (BEAUVOIR *apud* NEVES, 2007, s/p).

Giddens (1993), ao abordar as mudanças ocorridas no modo de relacionar-se da contemporaneidade, afirma que houve mudança do modelo do amor romântico para o modelo do amor confluyente, o qual busca igualdade no envolvimento afetivo e emocional dos parceiros. Conforme o autor, o amor confluyente demarca uma transformação importante em relação ao amor romântico, que está atrelada a mudanças ocorridas na vida feminina em função da busca das mulheres por um relacionamento com direitos iguais. Neves (2007) concorda com Giddens (1993), ao afirmar que essa tendência atual de igualdade entre os sexos acaba por diminuir as diferenças entre o casal e tem como base de apoio o amor entre os parceiros. A autora destaca que a emancipação sexual feminina, conquistada através da possibilidade de controle da reprodução, deslocou a atividade sexual do terreno biológico para o terreno social, em busca da satisfação do desejo através do prazer, trazendo mudanças importantes nas práticas amorosas.

É importante ressaltar que, mesmo diante dessa reviravolta dada pelas mulheres, o domínio explícito dos homens, na maioria dos segmentos da sociedade, provocou um

afastamento muito grande entre as obrigações, as funções, os papéis e, principalmente, no que diz respeito aos direitos e deveres entre os parceiros. Giddens (1993), ao afirmar que “a possibilidade de intimidade implica a promessa de democracia,” quer dizer, com isso, que demarcar fronteiras, num relacionamento, é fundamental na prática do amor confluyente e, igualmente, importante para a sustentação da intimidade, pois a formação desse laço depende de um conhecimento dos traços do outro e da abertura de si mesmo para o outro. A possibilidade de democracia nos leva a pensar numa busca - cada vez maior - por relações equiparadas. Nesse cenário, percebe-se que uma das maiores dificuldades das relações amorosas contemporâneas é a instabilidade entre os sexos, em função da violência e das desigualdades de direitos e deveres, que acabam por gerar consequências negativas para quem está em desvantagem, ou seja, para as mulheres (NEVES, 2007).

Apesar das mudanças ocorridas em função da busca por relações equiparadas entre homens e mulheres, ainda percebemos que, na sociedade ocidental, as mulheres continuam em posição menos favorecida na vida conjugal e profissional, com muitos deveres e pouco direitos, com relação às funções domésticas e maternas. Essa condição feminina, em muitas situações, acaba minando as experiências amorosas, elevando os relacionamentos a situações conflitivas, de violência. Segundo Giddens (1993), a diminuição do poder masculino foi fortemente influenciada pela perda do domínio sexual sobre as mulheres, o que gerou um distanciamento emocional profundo entre os gêneros e provocou um aumento da violência contra as mulheres.

No Brasil, a maior prova dessa realidade é a tentativa que o Estado tem feito de controlar essa situação, por meio da criação de leis que buscam proteger a mulher de agressões masculinas. A Lei “Maria da Penha” é uma prova indiscutível da necessidade que o Poder Legislativo sentiu de tentar, através da justiça, conter essa situação. Além de toda a discussão sobre as diferenças de gênero citada acima, temos a questão do individualismo, que será abordada a seguir, tendo em vista a relevância de seu significado para a compreensão das relações amorosas contemporâneas.

2.3 O individualismo na sociedade atual

A constatação de que vivemos num mundo cada vez mais individualista nos leva a pensar como estão acontecendo as relações amorosas atuais e até que ponto essas estão sendo vividas de forma satisfatória. O tema “individualismo” leva-nos a uma reflexão sobre a questão do narcisismo, termo introduzido por Freud (1914/1974, p. 90), que foi, na época,

tratado como: “[...] complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode, justificavelmente, ser atribuído a toda criatura viva”. Conforme a teoria freudiana, a libido, energia sexual latente, presente na *psique* humana, quando não encontra um objeto para ligar-se, acaba voltando-se para o próprio sujeito e favorecendo o aparecimento de uma atitude narcísica. Esse investimento e admiração exacerbados por si mesmos vêm sendo percebidos, com frequência, na atualidade. O não investimento da libido em outro objeto, ou seja, no outro, em muitas situações, acaba por dificultar a introdução de um “outro sujeito” na relação.

De acordo com Lipovetsky (2005) e Bauman (2004), o mundo atual globalizado está contribuindo, de forma significativa, para deixar o homem cada vez mais só. Segundo o pensamento dos autores, torna-se extremamente ilusória a ideia de compartilhamento da globalização experimentada pelo sujeito contemporâneo, através da facilitação da troca de informações e da possibilidade de conexão entre pessoas de diferentes partes do mundo. Transmite uma noção de conexão, mas acaba por produzir grande isolamento.

Badinter, citada por Costa (1998), fala com clareza a esse respeito. Segundo a autora, vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa; reivindicamos tudo, pois não podemos ficar na falta. O outro só é desejado se enriquece nosso ser. Se, ao contrário, ele nos pede sacrifícios, é imediatamente descartado. Num momento marcado pelo individualismo, no qual cada sujeito busca afirmar-se a partir da satisfação de seus desejos, a construção do vínculo amoroso parece estar ficando prejudicada.

Bauman, citado por Fofonca (2013), destaca que a sociedade líquida surgiu como consequência da queda dos sólidos existentes na modernidade. Bauman (2013) refere-se aos sólidos para caracterizar os relacionamentos de décadas anteriores, que tinham como tendência permanecer “intatos”, fixos e sem a mobilidade dos líquidos. Fofonca explica a ideia de Bauman quando ressalta que “a sociedade líquida não desceu do céu, não se produziu do nada, improvisadamente, mas foi o fruto maduro do desmoronamento da modernidade, ou seja, do processo do derretimento dos sólidos formados e elaborados na modernidade.” (FOFONCA, 2013, p.73). Bauman (2004) afirma que existe, na atualidade, uma tendência de colocar-se à procura pela satisfação imediata dos parceiros em primeiro plano, e de promover investimento na constituição do vínculo amoroso em outro patamar menos importante. Pode-se observar, com frequência, essa tendência nos relacionamentos amorosos da atualidade. Questiona-se como manter o vínculo amoroso no cenário da fluidez.

Lasch, citado por Wanderley (1999), afirma que a cultura do narcisismo surgiu a partir da decepção sofrida, na década de 1960, pelos indivíduos politizados, diante da atuação

política da sociedade ocidental burguesa, especialmente a norte-americana. A ausência dos resultados esperados fez com que os indivíduos, desiludidos com a política, voltassem sua atenção para eles mesmos, no que se relacionava à saúde e ao crescimento pessoal. O interesse dirigido à causa política foi direcionado para o bem-estar. Voltado para si mesmo, o narcisista tornou-se um sujeito superficial, fechado, disponível a vários relacionamentos sexuais simultâneos, atormentado pelas ideias da velhice e da morte. Impossibilitado de transformar o futuro, o narcisista fixa-se no presente e, sem valorizar o passado, torna-se um indivíduo desconectado de sua história. Diante das decepções sofridas com relação ao empenho na luta por ideais comuns, o sexo e a morte tornam-se experiências de destaque na vida dos indivíduos. Segundo o autor, o engajamento com as causas ecológicas, tão comum na atualidade, estaria diretamente relacionado à sobrevivência, o que justificaria o envolvimento dos indivíduos nessa vertente.

Conforme Lasch (1999), o homem narcísico é o que não se envolve com os outros e que assiste, passivamente, a cenas violentas de sofrimento e guerras, sem demonstrar incômodo. Essa realidade levou o historiador a concluir que o estado burocrático transportou as queixas coletivas para o espaço pessoal, transformando lutas por anseios comunitários em problemas psicológicos. De acordo com o autor, as patologias atuais não se manifestam como antes, através de fixações e fobias, mas surgem a partir de uma sensação desagradável de vazio diante da vida (LASCH apud Wanderley, 1999).

Calligaris, citado por Wanderley (1999), aponta para uma tendência que grupos minoritários, das décadas de 1980 e 90, apresentaram ao voltar sua atenção para o próprio corpo, abandonando, dessa forma, a luta por um ideal comum. Com relação à condição humana, o psicanalista ressalta que a modernidade, no ocidente, está caracterizada por um aumento dos problemas psicológicos, por valorizarmos mais a nós mesmos, em detrimento das demandas da comunidade e das regras estabelecidas por ela. Portanto, cada dificuldade surgida através da convivência estaria relacionada a cada singularidade. Essa realidade aponta para a dificuldade que é resolver as questões sociais a partir das individualidades. Segundo Calligaris “[...], o fato social é, de antemão, um drama interno ao sujeito” (WANDERLEY, 1999, p. 46). A manutenção do espaço individual acaba dificultando a construção do vínculo do casal, complicando, dessa forma, a construção da relação amorosa.

2.4 As relações amorosas contemporâneas

Singly (2003) afirma que, na atualidade, busca-se, simultaneamente, por liberdade, ou seja, as pessoas envolvidas temem sentir-se aprisionadas à relação, invadidas em seu espaço individual, mas buscam também uma relação que ofereça estabilidade e a certeza de que estão vivendo um relacionamento verdadeiro, baseado na honestidade, na fidelidade e que proporcione a segurança de uma relação estável. Conciliar essas duas características parece ser o grande desafio dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade. Numa sociedade que valoriza o “eu” e que o relacionamento funciona buscando favorecer a independência de cada parceiro, seria essa mescla da liberdade e de preservação das individualidades possível? Conforme o autor, a busca é pelo fortalecimento de cada individualidade em detrimento do fortalecimento da relação. Segundo Singly (2003, p. 203),

os contemporâneos querem as duas dimensões na sua vida. Os mais novos... apreciam uma vida plena de liberdade e de possibilidades de ganhos, sonham com uma vida contratual e electiva, ao mesmo tempo em que desejam que esta acabe com uma casa e um trabalho estável... Os jovens...procuram-se num jogo complexo de relações que se fazem e desfazem, sem outro ponto de referência a não ser os do tempo presente, esperando ter futuro e ser bem sucedidos.

O autor afirma também que a necessidade da interdependência e a negação desta cria tensões internas. Essa situação aponta para um paradoxo, tendo em vista que um relacionamento amoroso implica uma interdependência, que é, ao mesmo tempo, descartada. Singly destaca que essas tensões causadas pela nova versão, “livre juntos,” dos relacionamentos amorosos, leva os parceiros a uma redução de momentos alegres, que acaba enfraquecendo a felicidade. O desejo de fusionalidade do casal torna-se difícil de ser alcançada, diante da ameaça vivida por cada um do par da perda de sua individualidade. O receio da permanência num mesmo lugar provoca um medo da anulação da individualidade, que acaba enfraquecendo a fusionalidade.

Cigini, citado por Fofonca (2013), destaca que, na sociedade líquida, valores fundamentais na vida do sujeito, como relacionamentos amorosos, estão mais leves e em movimento constante, flutuam com agilidade num espaço sem limites. Essas características das relações afetivas atuais, da mesma forma como acontece na sociedade de consumo - que descarta facilmente os objetos com intenção de substituí-los por outros, estão, também, atravessadas pela materialização; ou seja, como ocorre com os objetos, as pessoas também podem ser facilmente substituídas. Sendo assim, questiona-se para que investir nas relações

afetivas se elas também, como no mercado do consumo, são passageiras (FOFONCA, 2013). Entretanto, percebe-se que, ao mesmo tempo que se busca pelo prazer individual, busca-se também pela manutenção do compromisso, alavancado no amor. Vinícius de Moraes parece ter conseguido explicar como pode funcionar esse arranjo contemporâneo nas relações amorosas da atualidade quando, em seu poema *Soneto da Fidelidade*, escreveu, referindo-se ao amor: “[...] Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure” (VINÍCIUS DE MORAES, 1960). O escritor buscou realçar a intensidade com que o amor deve ser vivido, sem perder de vista a possibilidade de término da relação. O pensamento do poeta já apontava para uma possível coexistência de uma relação amorosa intensa e fugaz.

Giddens (1993) sugere um novo modelo de relação, o “relacionamento puro, que, ao contrário dos relacionamentos tradicionais, que apostavam em relações engessadas e duradouras, tendem a ser flexíveis e duram somente enquanto estiver sendo conveniente para o casal. O autor dá o nome de amor confluyente ao relacionamento que pretende uma igualdade no dar e receber afeto, no qual não há exigência de exclusividade sexual. Por ser um amor ativo, aposta na ideia do relacionamento especial, em detrimento da ideia de pessoa especial, abandonando, dessa forma, as promessas do único e para sempre, pregadas pelo amor romântico. Conforme a ótica de Giddens, percebe-se que o amor confluyente favoreceu o aparecimento do relacionamento puro, já que a flexibilidade e a não exclusividade dos parceiros viabilizaram a possibilidade de uma relação sem a exigência de compromisso. O relacionamento puro surgiu a partir da troca do “dar” e “receber”, típica do amor confluyente. O “ficar”, hoje em dia tão comum entre os parceiros, pode ser um bom exemplo dessa busca por um prazer momentâneo, que não pressupõe nenhum tipo de manutenção e obrigação.

As mudanças nas formas de relacionar-se na contemporaneidade refletiram-se, de maneira significativa, no relacionamento sexual. Giddens (1993), em seus estudos sobre a transformação da intimidade, afirma que sexo, na atualidade, é um assunto de domínio público e está associado à ideia de revolução. Segundo o autor, ouvimos falar com frequência sobre a revolução sexual ocorrida nas últimas décadas, como também sobre a importância do papel exercido pelas mulheres, que passaram a reivindicar direitos iguais aos dos homens. Nesse contexto de transições ocorridas nas formas de pensar e viver femininas, está a busca da mulher pelo prazer sexual. A possibilidade de uma vida sexual dissociada da maternidade favoreceu essa procura. O autor dá o nome de sexualidade plástica à prática sexual desvinculada da ideia de reprodução; e explica que foi a partir desse momento de desvinculação que o relacionamento puro se instalou na atualidade afastado da ideia de compromisso, tão usual nos relacionamentos do passado. A possibilidade de um

relacionamento sexual livre da ideia de reprodução já sinaliza para uma tendência da sexualidade rumo a uma praticidade do envolvimento amoroso. A sexualidade plástica, que prioriza o sexo como fonte de prazer, afasta a possibilidade de procriação, não favorece a criação do vínculo da parentalidade e, conseqüentemente, deixa a relação numa condição instável.

Costa (1998) desenvolve esse pensamento citado acima quando afirma que o amor é seletivo, pois tendemos a achar pessoas iguais a nós, que tenham gostos parecidos e que compartilhem as mesmas ideias, ou seja, pessoas com as quais nos identificamos. Essa afirmação aponta para o amor como uma experiência que se faz através de uma lógica prática. Segundo o autor, foi a partir do momento em que houve o declínio dos vínculos dos indivíduos com a sociedade patriarcal e no qual a sexualidade foi desvinculada da conjugalidade que surgiu uma “identidade amorosa”, uma parceria amorosa personalizada, que não se faz adequada ao modelo dos vínculos formais, tão valorizados em décadas anteriores, como noivados, casamentos e que pode inaugurar-se a cada momento de forma diferente, mas busca sempre o prazer através das sensações. Parece que se procura por um resgate do vínculo amoroso relacionado ao compromisso dos relacionamentos de antes, que está perdido, mas a busca por ele significa uma ameaça à individualidade, ou seja, a perda do espaço privativo individual e da liberdade através do impedimento da vivência de novas experiências amorosas e de novos parceiros, tão valorizada na atual sociedade ocidental (COSTA, 1998). A dificuldade está aí: criar um espaço único, comum dos parceiros a partir de dois espaços bem delimitados, que não aceitam alterações.

Conforme o pensamento de Gikovate (2012), embora o mundo esteja mudando rapidamente, ainda procuramos por “sonhos românticos” de décadas passadas. O autor acredita que o relacionamento amoroso deve ser ancorado mais nos laços de amizade do que nos de dependência, por acreditar que, ao contrário da dependência, a amizade é um sentimento de afeição, simpatia e apreço, que favorece a união por não estar associada à ideia de submissão, e sim de admiração pelo outro. Aponta para a vaidade como grande empecilho à felicidade, já que esse sentimento está relacionado ao vazio, apoiado em algo ilusório e autodirecionado. Aposta na razão como uma forte aliada do relacionamento, destacando que, quando os parceiros já têm uma visão mais realista da vida, já não estão mais escorados, exclusivamente, em sonhos românticos, muitas vezes distanciados da realidade do envolvimento amoroso. Gikovate (2012) justifica sua afirmação ressaltando que o amor, por ser considerado o mais importante dos sentimentos, aparece, na maioria das vezes, blindado, por estar sempre relacionado a ideias e a sentimentos positivos, o que o afasta de crítica e de

uma análise mais profunda. Esse distanciamento da razão não favorece a criação de um relacionamento amoroso verdadeiro. O autor acredita que o “romantismo” do encontro de “duas metades” não acalenta uma relação amorosa madura. Destaca que é preciso elaborar a questão da individualidade, tendo em vista que, o ideal do relacionamento amoroso deve ser pensado a partir de duas pessoas “inteiras”, e não de duas “metades” (GIKOVATE, 2012).

3 ENCONTROS VIRTUAIS: NOVAS POSSIBILIDADES DE RELACIONAMENTO

Busca-se, neste capítulo, explicar o significado do termo virtual, bem como apresentar as características das conexões feitas nos ciberespaço. Em seguida, pretende-se abordar o impacto que a virtualização vem causando em todos os segmentos da sociedade e destacar como a mistura do humano com o mecânico inaugurou uma nova maneira de interagir. Por fim, procura-se mostrar como a virtualidade, através de suas características e especificidades, está modificando as práticas e o manejo dos relacionamentos amorosos atuais.

3.1 O virtual e suas características

Virtual é uma palavra que tem sua origem no latim medieval e vem de *virtus*, que significa força e potência. É algo que se atualiza no outro, que existe em potencial. A atualização surge como a resolução de uma situação, é uma resposta à virtualidade e pode ser entendida como uma ponte entre o atual e o virtual, um constante processo de vir-a-ser. Por ser via de acesso, a virtualização é desterritorializada e itinerante. Sendo assim, ela cria uma sociedade errante, dinâmica e viva, pois produz efeitos num espaço sem limites. Essa influência é percebida não só nas várias formas de comunicação, como também nos corpos, na dinâmica dos sistemas de informação, educação, saúde e outros (LÉVY, 1996).

Recuero (2012), em seus estudos sobre redes sociais na Internet, também afirma que as técnicas virtuais ocupam um lugar de destaque nas mudanças intensas que ocorreram em todos os segmentos da sociedade. O impacto causado por esse avanço tecnológico é profundo e acontece com rapidez inacreditável. Segundo a autora, as “ferramentas”, ou seja, os *sites* e aplicativos digitais utilizados pelos computadores, ganharam novos sentidos e não estão restritas apenas à função mecânica. Elas são, atualmente, “espaços conversacionais” importantes, pois permitem, através das possibilidades que apresentam, atualizar a conversa, e esta começa a criar novos sentidos. Conforme a autora, a conversa virtual não se restringe mais àquela conversa anterior à chegada da virtualização, já que, diante das ferramentas utilizadas pela rede, torna-se uma “conversa emergente” no ciberespaço; são aquelas conexões que estão em constante processo de construção e reconstrução a partir da comunicação entre os atores sociais. As redes emergentes são direcionadas para as interações sociais. Recuero destaca que o mais importante, nesse processo, é a possibilidade que essa conversa tem de refazer as práticas do dia a dia e os impactos que ela causa nos “atores

sociais”. Ainda segundo a autora, além da função de gerar e manter relações complexas na Internet, essa interação é geradora de relações sociais que se transformam em laços sociais.

Garton, Haylhornthwaite e Wellman, citados por Recuero (2009), destacam que as relações via Internet apresentam diferenças profundas das relações que não acontecem no ciberespaço. Conforme os autores, as relações virtuais, de modo geral, são mais diversificadas, favorecem uma troca maior de informações através de sistemas e programas diferentes, com assuntos relacionados à profissão, assuntos pessoais, relacionamentos amorosos e outros. Muitos programas diferentes como *blogs*, *chats* e *Facebook* podem ser utilizados com o mesmo objetivo: interagir.

De acordo com Recuero (2009), as trocas de informação via Internet, ao contrário da forma como acontece na comunicação presencial, podem ficar guardadas no ciberespaço. Essa possibilidade de armazenamento permite aos internautas dar continuidade à conversa, o que pode ser feito através do acompanhamento das conexões retidas, bem como da interrupção dessas conexões. Compreender esse percurso feito pelas interações virtuais conduz a uma compreensão da utilização da rede como instrumento regulador da ordem social e do sistema de informação da atualidade (RECUERO, 2009). A autora (2009, p. 44) afirma que

Outra diferença importante gerada pela Internet é o advento dos laços sociais mantidos à distância. O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente. Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou as pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como o *Skype*, os *messengers*, *e-mails* e *chats*. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação.

DonnaMaria e Térzis (2009) ressaltam que, para que o encontro virtual se estabeleça, é preciso que passe por duas fases: a primeira é a de apresentação do internauta e de seus valores, intenções e expectativas com relação ao encontro; e a segunda é a de resposta à primeira, podendo esta ser positiva ou negativa. Essas fases podem aparecer trocadas, caso os internautas iniciem um relacionamento presencial que tenha continuidade no virtual. Segundo os autores, no caso de inversão da ordem das fases, o relacionamento *online* funciona, muitas vezes, ancorado na realidade, potencializando as relações e permitindo um número maior de conexões, aumentando as probabilidades de encontros amorosos. É interessante pensar na virtualidade como possibilidade de manutenção de relacionamentos iniciados no presencial que, por motivos diversos como viagens, doenças e situações que levem a um afastamento

físico, foram interrompidos. Essa condição da facilitação dos contatos, no caso dos relacionamentos amorosos, nem sempre é lembrada como ponto positivo.

Lévy (1996) esclarece que as mudanças trazidas pela virtualidade nas áreas tecnológica, econômica e humana, relacionadas aos hábitos e costumes, ocorreram com muita rapidez, provocando muita instabilidade. O autor argumenta que essa transformação causada na sociedade acaba atribuindo à virtualidade um caráter ameaçador e suspeito no que se refere a sua utilização. Defende sua visão positiva argumentando que, ao contrário das ideias de falsidade e de distanciamento da realidade, a virtualidade tem um caráter de profundidade, visto que permanece aberta ao novo, favorecendo a criação e vencendo barreiras da distância física. Lévy (1996) aponta para os benefícios da virtualidade ao afirmar que se trata de um processo neutro, que pode funcionar para ações positivas e negativas, como acontece com qualquer outro meio de comunicação. A virtualidade, através das suas inovações e de seu caráter emergente, está provocando impactos significativos na atualidade.

3.2 Impactos trazidos pela virtualidade

A possibilidade de interações trazida pela virtualidade chegou de forma rápida - em menos de uma década, trazendo mudanças nas formas de relacionar-se na contemporaneidade. Estamos vivendo, na atualidade, um momento no qual a virtualização está interferindo em quase todos os segmentos da sociedade. Sibilia (2008) ressalta que houve uma troca de lugares e que passamos de leitores e espectadores passivos para protagonistas, através de nossa exibição nas redes. Afirma que “*você, eu e todos nós*” estamos transformando a era da informação. É importante destacar que, por ser uma possibilidade muito nova, a virtualidade acaba despertando nas pessoas um sentimento de estranheza, deixando-as inseguras com relação à legitimidade das conexões feitas através dela. Segundo a autora, a sociedade ocidental está vivendo um momento de corte em sua estrutura tradicional, passando de uma fase de poder para outro tipo de ordem social. Essa cisão está transformando também os indivíduos e a maneira como eles se apresentam e se comportam no mundo, provocando mudanças pessoais que aparecem refletidas nas relações com o outro e com a vida.

Sibilia (2008) analisa as experiências subjetivas a partir de três categorias complexas: a singular, que aponta para o sujeito como ser único; a universal, que focaliza o sujeito de acordo com sua “inscrição corporal” e de acordo com a forma que utiliza para organizar-se através da linguagem; e a particular ou específica, que percebe o sujeito com características comuns a todos, mas diferenciados pela cultura. A autora explica que esse tipo de

classificação é útil quando se busca entender a maneira de ser a partir dos relacionamentos que acontecem via Internet, com o objetivo de compreender esse acontecimento inédito da exposição da intimidade. Ao apresentar-se a partir das categorias citadas acima, o sujeito tenta mostrar-se, através de vários aspectos, do particular ao cultural, buscando dar legitimidade às suas informações pessoais, mas já inserindo alguns códigos próprios, procedimentos específicos de comunicação mediada pelo computador, como envio de mensagens atualizadas, de relações à distância

Lévy (1996) faz uma reflexão profunda sobre a virtualidade e seus impactos na sociedade atual quando afirma que

A virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como um movimento mesmo do “devir outro” - ou heterogênesse - do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar às cegas a ela proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda sua amplitude a virtualização. (LÉVY, 1996, p.12).

Segundo o autor, a virtualidade deve ser compreendida como uma possibilidade quase inesgotável de formas e apresentações, que viabiliza muitos processos dinâmicos. Dessa forma, a virtualização deve ser pensada como um modo de ser, constantemente atravessado pelo outro. Lévy chama de “devir do outro” ou “heterogênesse do humano” a possibilidade propiciada ao sujeito pela virtualidade de re-inaugurar-se, a cada instante, através de espaços flexíveis, em territórios não demarcados. A possibilidade de atualização nos leva a pensar na virtualidade como um processo vivo e confiável, afastando a ideia de superficialidade e de falsidade (LEVY, 1996).

Nicolaci-da-Costa, citada por Fofonca (2013), destaca que a virtualidade inaugurou uma nova maneira de interagir que fez surgir um tipo de raciocínio mais direcionado, que propiciou mais liberdade nas interações e que facilitou a obtenção de informações. Entretanto, a autora ressalta que o que se torna complicado nas relações que ficam restritas ao ciberespaço é a impossibilidade de criar elos entre a realidade e a virtualidade.

Já de acordo com o pensamento de Fofonca (2013), o fato de os relacionamentos acontecerem no mundo virtual não significa que eles não sejam concretos para os internautas. O autor justifica essa ideia dizendo que os usuários da Internet são “seres humanos” e que toda a gama de sentimentos experimentados por eles nas conexões são “verdadeiras ou reais” (FOFONCA, 2013). Nesse cenário estão situadas as relações amorosas. Em meio à turbulência trazida por mudanças rápidas procura-se, mais do que nunca, o atendimento das demandas pessoais, principalmente as que envolvem uma obtenção de prazer imediato. Essa

nova maneira de conhecer pessoas parece apontar para a existência de uma lógica prática nas relações amorosas da contemporaneidade que independe do contato presencial, mas pode oferecer prazer.

Conforme o pensamento de Santaella (2008), no universo digital, texto, imagem e som não são mais o que costumavam ser. Deslizam uns sobre os outros e, livres do peso da gravidade, tornam-se leves, circulam soltos, possibilitando a criação de vários arranjos. Segundo a autora, a primeira tecnologia simbólica é a da fala e está no próprio corpo. Portanto, o ser humano é ser simbólico, é ser de linguagem (SÁ, 2009). Santaella, citada por Sossai (2010), faz-nos refletir sobre a importância da linguagem, ressaltando seu papel na formação do sujeito, visto que, simultaneamente, a constituímos e somos constituídos por ela (SOSSAI, 2010). Somos formados a partir dos novos espaços criados, que são fluidos, deslizantes, intersticiais e que serão a base de toda nossa vida social. Os relacionamentos amorosos via Internet seguem esse mesmo curso, tendo como pano de fundo um espaço que está sempre em movimento, atualizando-se para manter-se ativo ou ausente.

Santaella (2008) destaca que, nesse novo espaço, o ciberespaço, as relações perderam a força e a estabilidade que apresentavam no passado. Na contemporaneidade, os relacionamentos dançam com leveza e da mesma forma que surgem desaparecem da tela, de acordo com a manipulação do teclado. Essa nova modalidade de convivência nos permite, muitas vezes, criar novos personagens, novos nomes, enfraquecendo, dessa forma, a criação de vínculos mais sólidos e de compromisso nas relações. Aparecemos soltos na tela, na maioria das vezes, sem rosto, viramos mensagens (SOSSAI, 2010).

Sá (2009), em seus estudos sobre linguagens líquidas, faz um paralelo esclarecedor com o pensamento de Bauman (2004), ressaltando que os líquidos, ao contrário dos sólidos, que são resistentes, formatados e ancorados num espaço determinado, são caracterizados pela ausência de forma, são atemporais e não se prendem em nenhum espaço específico. Bauman, citado por Sá, afirma que

Os fluidos se movem facilmente. Eles “*fluem*”, “*escorrem*” “*esvaem-se*”, “*respingam*”, “*transbordam*”, “*vazam*”, “*inundam*”, “*borrifam*”, “*pingam*”; são “*filtrados*” e “*destilados*”; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intatos, enquanto os sólidos que encontraram se permanecem sólidos são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “*leveza*”. (BAUMAN apud SÁ, 2009, p.8).

É via Internet, nesse cenário de leveza, que muitos relacionamentos amorosos surgem e desaparecem sem deixar rastros. Santaella, citada por Sá (2009), afirma que só pessoas com essas características, próprias da fluidez, podem perambular por esses territórios instáveis. Criar raízes só é possível a partir de um processo dinâmico, que se atualiza a cada instante. As interações no ciberespaço alteraram nossas formas de relacionamento com o espaço, com o tempo, com a aprendizagem, com a sociedade e, da mesma forma, com os sentimentos e suas manifestações (SANTAELLA apud SÁ, 2009).

3.3 A fusão do homem com a máquina

Assiste-se, na Era da Informática, a uma mescla do humano com o mecânico, que inaugura um novo termo: o pós-humano. Como consequência dessas mudanças, os conceitos de subjetividade e de identidade também foram afetados diante da mistura produzida pela virtualização. Sá (2009) afirma que a primeira tecnologia simbólica utilizada pelo homem foi a fala. Dessa forma, a comunicação digital está sempre sujeita a mudanças e não obedece a padrões anteriores como a linearidade, que utiliza uma sequência lógica tradicional do princípio, meio e fim (SÁ, 2009).

Santaella (2008) destaca que, após o aparecimento das redes virtuais de comunicação comandadas pela World Wide Web, a utilização das palavras “híbrido” e “hibridização” cresceu de maneira significativa. Elas apresentam dupla função: a de fazer referência à junção das formas de comunicação no mundo virtual e a de fazer alusão à mescla de linguagens da hipermídia formada pela união do hipertexto com a multimídia, produzindo a linguagem virtual. A autora ressalta que a utilização desse vocábulo vem ampliando seu significado para abranger a interconexão dos espaços das redes de informação, às quais os internautas, com seus aparelhos móveis, se conectam. É importante entender como, na contemporaneidade, especialmente nas sociedades latino-americanas, os indivíduos estão articulando suas formas de comunicação a partir dessa mescla de componentes diferentes. Giddens (1993) afirma que participamos dessa engrenagem social midiática, ora como atores, ora como espectadores, reforçando, dessa maneira, o pensamento de Santaella (2008) a respeito da hibridização dos elementos da comunicação na atualidade.

Segundo Sibilia (2008), o mundo virtual abre muitas possibilidades de conexões. A autora afirma que, diante de muitas opções apresentadas, pode-se dizer que a máquina “produz” contatos. Conforme Sibilia, a fusão do homem com a máquina fez com que os

usuários se tornassem protagonistas e produtores de informações e idéias. Essa autora afirma, assim, que os internautas foram convertidos em “personalidades do momento.”

Barros (2010) também destaca que os contatos virtuais possibilitados através dos computadores estão fazendo uma fusão do homem com a máquina. O resultado dessa mistura está se refletindo, para além das mudanças, nos hábitos de vida e das novas formas de relacionamento, já que está também produzindo efeitos na construção da subjetividade. A autora chama de “arranjo tecnológico da subjetividade” essa fusão homem-máquina, que está afetando a constituição de nossa subjetividade. Santaella, citada por Barros, destaca que “[...] nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade” (SANTAELLA, apud BARROS, 2010, p. 22).

Essa mudança impactante que a virtualização trouxe para nossa vida é algo que se apresenta de forma mesclada e que se transforma em uma via de acesso constantemente renovável, tendo-se em vista a possibilidade de atualização, a capacidade da comunicação online, que permite modificações imediatas no material que está sendo enviado: textos, sons, imagens, mensagens de voz. Poderíamos pensar na possibilidade da atualização como algo que, de alguma forma, legitima a interação, já que nunca fica ultrapassado? Numa fase anterior à da utilização da Internet, os relacionamentos eram pautados nas juras de fidelidade e amor eternos, e essas promessas permaneciam fixas, presas num tempo determinado.

Considerando que muitas dessas relações não foram bem sucedidas e duradouras, há que se levar em conta a possibilidade que o virtual tem de poder ser atualizado a cada momento, e, em função dessa característica, ser uma forma mais efetiva e verdadeira de relacionar-se, já que ele se inaugura atualizado a cada momento. Antes, nos relacionamentos presenciais, prática usual anterior à virtualidade, os parceiros prometiam algo que não podia ser sustentado, visto que os sujeitos estão constantemente em processo de mudança. Esses processos - tanto o técnico quanto o pessoal - caminham juntos, sintonizados, e parecem estar cada vez mais descolados e ágeis no ciberespaço. Segundo Barros “[...], a arquitetura física do mundo online vem sendo construída concomitantemente com o processo de transformação do sujeito da contemporaneidade” (BARROS, 2010, p.22).

Tanto Giddens (1993) quanto Santaella (2008), Sibilía (2008) e Barros (2010) apontam, cada um a seu modo, para a questão da fusão “homem-máquina” e enfatizam como essa “mistura” tem provocado impactos na constituição da subjetividade, na forma de interagir e na prática dos relacionamentos amorosos atuais.

3.4 Virtualidade: cenário de muitas possibilidades

Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008) veem os relacionamentos via Internet como uma possibilidade a mais para relacionamentos sociais, apontando para uma série de conveniências, inclusive as relacionadas às questões de comodidade e segurança pessoal, já que o relacionamento virtual não demanda deslocamento físico.

Bauman tem uma postura negativa, contrária à de Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães, que falam de vantagens no relacionamento virtual. Bauman (2004) sugere que a facilitação trazida pelos contatos feitos através dos relacionamentos virtuais poderia, de certa forma, levar os relacionamentos a uma instabilidade. Afirma que, nas relações via Internet, a proximidade e a distância virtual coexistem sem a exigência da contiguidade. O autor ressalta que conectar e desconectar são duas possibilidades muito atrativas do mundo virtual. Aponta a segunda como sendo a mais urgente e utilizada no ciberespaço. Essa facilitação dos contatos humanos proporcionada pela virtualidade faz com que eles se tornem mais frequentes e banais, dificultando a formação de laços. Parece que a função de maior destaque da proximidade virtual é a de separar comunicação e relacionamento. Ao contrário do envolvimento anterior entre duas pessoas, que acontecia, na maioria das vezes, a partir da aproximação física, o contato virtual independe de laços anteriores e não demanda, necessariamente, a formação desses. Com o crescimento da procura por relacionamentos amorosos a partir da prática virtual, as outras práticas não virtuais vão sendo menos exercitadas.

France, citada por Bauman, afirma: “[...] Na medida em que a geração amamentada pela rede ingressa em seus primeiros anos de namoro, o namoro pela Internet está decolando. E não se trata de um último recurso. É uma atividade recreativa. É diversão.” (BAUMAN, 2004, p 40). Parece que, quando o autor se refere ao relacionamento virtual como uma atividade recreativa, quer passar uma ideia de que essa nova modalidade de relacionamento, muitas vezes, restringe-se a uma forma de distração que não está relacionada à formação de algum tipo de vínculo ou compromisso. Entretanto, alguns autores, entre eles Vaitsman (1994) e Rossi (2003), citados por DonnaMaria (2008), apontam para uma instabilidade nos relacionamentos anterior ao uso das redes como meio de encontro. Dessa maneira, não se pode atribuir à insegurança das relações amorosas à prática dos contatos virtuais (DONNAMARIA, 2008).

Nicolaci-da-Costa (2005) também discorda de Bauman (2004) quando este diz que relacionamentos descartáveis e frágeis acontecem como consequência da superficialidade e da

frieza dos contatos virtuais. A autora pondera, destacando que qualquer modalidade de relacionamento pode ter evoluções diferentes - as mais variadas possíveis, como encontros, desencontros, traições, frustrações, entre outras. É importante considerar que os relacionamentos que começam de forma presencial também não asseguram estabilidade à relação. Isso nos leva a pensar na virtualidade como uma ferramenta facilitadora dos contatos iniciais e que, da mesma forma que nos contatos presenciais, não garante sua manutenção e evolução. Percebe-se que, nos relacionamentos amorosos virtuais, a troca de informações iniciais entre os internautas, pelo menos a princípio, funciona como uma espécie de triagem, na qual se busca por traços que, de alguma forma, se conformem ao perfil procurado. Parece que as pessoas que estão à procura de relacionamentos amorosos virtuais esperam encontrar, da mesma forma que nos relacionamentos presenciais, parceiros que atendam a suas demandas básicas como, por exemplo, idade, estado civil, escolaridade, profissão, entre outras características pesquisadas pelos envolvidos.

Entretanto, considerando que as relações via Internet têm como característica, especialmente no início, a distância física, Sammartino (2009) destaca o importante papel que os órgãos dos sentidos (visão, olfato, tato, audição) desempenham no momento da conquista presencial. Ressalta que as sensações provenientes desses contatos pareciam ter um peso significativo no que se refere à atração entre os parceiros. A ideia transmitida pelo autor nos faz lembrar que tanto o tato quanto o olfato não são ainda possíveis nos relacionamentos virtuais. Contudo, percebe-se que a ausência dessas sensações, tão valorizada numa fase anterior à utilização da rede, não está impedindo as pessoas de interessarem-se ou mesmo de sentirem-se atraídas umas pelas outras. É importante lembrar que as cartas de amor, tão comuns no passado, de alguma maneira cumpriam a função de manutenção das relações amorosas. Da mesma forma que nos contatos virtuais, as cartas de amor, em muitas situações, faziam com que seus autores colocassem a imaginação e a fantasia em ação; eram esperadas com ansiedade e podiam definir situações importantes nos relacionamentos.

Segundo Nicolaci-da-Costa (1998) a Internet demarca uma divisão entre uma realidade virtual e a realidade cotidiana, popularmente conhecida como “real”. Essa autora ressalta que os relacionamentos que têm início através do olho no olho, muitas vezes não são bem sucedidos porque são baseados na aparência física, em valores sociais marcados por normas e restrições. Já nos relacionamentos virtuais, ao contrário dos presenciais, o destaque é dado ao que é dito através da troca de informações, o que independe, pelo menos a princípio, do contato físico. A autora destaca como atrativo dos contatos virtuais o baixo custo, a facilidade e a rapidez das conexões, afirmando que nem todas as relações

estabelecidas no ciberespaço permanecem restritas a ele. Conclui dizendo que muitos internautas já fazem a conexão entre as duas realidades - a virtual e a presencial, conseguindo trazer para suas vidas o que se inicia no espaço virtual.

Villela, citado por Rosso, afirma que

No ciberespaço o outro é conhecido não pela sua aparência física, pelo que parece ser externamente, mas, ao contrário, pelo que assume ser em sua essência. A personalidade interior da pessoa, seu comportamento, a visão de mundo e particularidades, nesta inversão tecnomoderna, são mais evidenciadas do que o corpo físico. Ao contrário, portanto, do que as pessoas estão habituadas culturalmente, no mundo real, onde as aparências são tão valorizadas. A Internet apresenta uma nova e poderosa capacidade de explorar facilmente o comportamento do próximo sem grandes riscos. E conhecendo melhor a essência dos outros, o indivíduo estará conhecendo um pouco mais de si mesmo (VILLELA *apud* ROSSO, 2005, p.65).

A citação acima aponta para a possibilidade que as relações virtuais têm para que relacionamentos íntimos e profundos se estabeleçam, já que, nos contatos via Internet, o que se destaca é a essência do outro.

Saraiva e Cabral (2001), da mesma forma que Nicolaci-da-Costa (1998), também veem pontos positivos nos relacionamentos amorosos virtuais. Ressaltam o caráter protetor da Internet, justificando que, através dessa nova modalidade de relacionar-se, os envolvidos podem expressar-se sem medo, de uma forma mais sincera, sem preocupação com a possibilidade de rejeição ou com os preconceitos existentes na sociedade (SARAIVA; CABRAL, 2001). Os autores transmitem uma ideia que pensa a sociedade como uma instituição repressora, que cobra, por meio de regras e padrões estabelecidos, que o indivíduo ignore e reprima seus sentimentos e comportamentos naturais instintivos, próprios da condição humana, como atração e simpatia, e que se comporte de acordo com o que é valorizado socialmente, como aparência física, status social, grau de escolaridade e condição financeira, entre outros. Portanto, será a partir do anonimato da Internet que o indivíduo poderá expressar-se de forma legítima, sem ter que seguir o que a sociedade determina. Justificam essa hipótese explicando que a “liberdade” é uma característica dos relacionamentos via Internet, que permitem aos seus usuários escapar da pressão negativa exercida pela sociedade (SARAIVA; CABRAL, 2001). Entretanto, seria possível pensar sobre relacionamentos humanos fora de um contexto social?

DonnaMaria e Terzis (2009) destacam que a possibilidade de escolha permitida através dos contatos virtuais cria um clima favorável ao imaginário dos internautas, o que facilita o aparecimento de fantasias e ilusões que, de forma positiva ou negativa, atuarão no

que se refere à manutenção ou à evolução dos relacionamentos. Os autores apontam para a presença do imaginário nas relações virtuais, tendo em vista que, pelo menos no início, o afastamento físico acaba facilitando o aparecimento de fantasias e criando uma expectativa muito grande com relação a esse outro “invisível” tão cobiçado. Com relação a essa ideia, Birman (1997) afirma que quando um relacionamento via internet termina, a sensação de desconforto é menor, pois a dificuldade foi com a criação do “personagem” idealizado pelo internauta, e não com ele (BIRMAN apud DONNAMARIA; TERZIS, 2009).

Ramalho, citado por Donnamaria (2008), afirma, com base em sua pesquisa, que os sites de relacionamento, entre outros atrativos, funcionam encorajando as pessoas a se aproximarem umas das outras, facilitando, dessa forma, a possibilidade para novos contatos, uma vez que todos os envolvidos nesses programas têm os mesmos objetivos (DONNAMARIA, 2008). Sendo assim, a possibilidade de quem busca um parceiro fica potencializada diante da procura já direcionada.

Já para Bozon, citado por Heilborn (2004), o amor é vivenciado como uma prática social que funciona através de roteiros sexuais. O autor pensa sobre o amor a partir de um caminho que deve ser seguido quando existir entre as pessoas uma condição favorável para que isso ocorra, como a troca de fotos, cartas, e-mails, mensagens. Dessa maneira, a relação amorosa vai sendo tecida, pouco a pouco, buscando aproximação com o outro. A virtualidade como ferramenta utilizada para a busca de relacionamentos amorosos permite, conforme o pensamento de Bozon, que essa aproximação gradual se transforme num relacionamento presencial que venha a manter-se e a ser satisfatório.

Ao contrário do pensamento de Bauman (2004), que utiliza o termo “liquidez” atribuindo a ele experiências, vivências e relacionamentos instáveis e pouco confiáveis, Nicolaci-da-Costa (2005), Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2009), Saraiva e Cabral (2001), Sibilía (2008) parecem acreditar na possibilidade de sucesso dos relacionamentos virtuais.

Ben-Zé-ev (2005) afirma que a Internet trouxe várias modificações para os relacionamentos amorosos que, entre outras já citadas ao longo do trabalho, provocaram o enfraquecimento das regras morais e sociais, o que pode ser facilmente percebido no que diz respeito à exclusividade romântica. Entretanto, o autor explica que essa mudança não pode ser entendida como ameaçadora, pois, na realidade, o que está sendo difícil na contemporaneidade é a falta de habilidade para nos adaptarmos aos relacionamentos românticos. O autor quer dizer, com isso, que, a partir da imensa oferta de conexões apresentadas no ciberespaço, torna-se difícil rejeitar as possibilidades disponíveis.

No Brasil, ainda não existem muitas pesquisas específicas sobre os relacionamentos via Internet; entretanto, percebe-se uma procura cada vez maior por serviços especializados em encontros amorosos. O Par Perfeito parece ser um dos sites de relacionamentos mais conhecidos, contando com aproximadamente dois milhões de usuários, segundo informação de Deheneffe, diretor da empresa (OLIVEIRA, 2013).

4 UMA CONVERSA DO CAMPO COM A TEORIA

Neste capítulo, num primeiro momento, será apresentada a metodologia utilizada para análise dos casos. Num segundo momento, serão apresentadas algumas histórias de relacionamentos amorosos virtuais, citadas no livro “Amor na Internet”, de Alice Sampaio (2002). Pretende-se, nessa etapa, relacionar os casos apresentados com a literatura estudada, visando entender com profundidade como os relacionamentos amorosos atravessados pela tecnologia digital estão acontecendo, bem como as expectativas, experiências e os desfechos vivenciados pelos usuários desta prática.

4.1 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo em vista que pesquisar sobre relacionamentos amorosos é ir ao encontro de sentimentos profundos que despertam emoções, é penetrar no íntimo do sujeito. Daí a impossibilidade de mensurar esses dados.. Laville e Dionne (1999) ressaltam que pesquisas que abordam questões que envolvem a intimidade, afetividade e que têm como objeto de estudo singularidades mostram-se adequadas a um estudo de natureza qualitativa. Segundo os autores, esse trabalho demanda paciência e sutileza.

A pesquisa qualitativa recobre hoje um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p.221).

Num primeiro momento, foi feita uma análise aprofundada da pesquisa bibliográfica, na qual os autores estudados serviram como referência nas análises dos casos. O trabalho foi baseado em alguns casos relatados no livro “Amor na Internet: quando o virtual cai na real”, da jornalista Alice Sampaio (2002).

Após passar um ano e meio em salas de bate-papo e sites, como candidata a um relacionamento, buscando ver e compreender como ocorrem as relações amorosas virtuais e o que pensam as pessoas que frequentam a rede com esse objetivo, a autora selecionou 17 histórias de pessoas entre 18 e 56 anos e descreveu-as com minúcia, buscando ficar atenta a todos os detalhes, narrando as experiências positivas e negativas dos indivíduos que procuram

a Internet com o objetivo de encontrar um par. A jornalista entrou em contato com 151 homens que, sem saber, estavam sendo entrevistados; e ficou surpresa com os resultados encontrados, como a falta de honestidade e a transparência na comunicação. Ao longo desse período, vivenciou vários tipos de experiências com diálogos interessantes, pessoas com ideias conflitantes, que não sabiam ao certo o que estavam procurando, mas conheceu muitas pessoas e chegou, também, a fazer amigos.

Um fato marcante relatado pela autora foi a diferença entre as expectativas masculinas e as femininas diante dos encontros virtuais. Com o objetivo de comprovar sua pesquisa na rede, a jornalista passou 14 meses entrevistando pessoas - presencialmente, para assegurar-se dos resultados obtidos na Internet. Os casos foram seguidos de perto, o que possibilitou à autora fazer um acompanhamento gradual, que apresenta princípio, meio e fim. O livro apresenta uma diversidade de perfis que não está relacionada a uma faixa etária ou a uma camada social específica.

Após o término de suas pesquisas, Sampaio recorreu a psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, em busca de ajuda técnica para fazer a análise dos casos, terminando com a opinião de um antropólogo, que analisou o trabalho do ponto de vista social. A abordagem do tema a partir do trabalho de Alice Sampaio foi escolhida por tratar-se de material significativo, enriquecido pela diversidade dos perfis apresentados, feito a partir de relatos de histórias reais, que foram bem trabalhados pela autora e, posteriormente, bem argumentados pelos profissionais convidados a dar seus pareceres. O livro mostra também que a busca por relacionamentos amorosos virtuais já acontece há muitos anos, já que a pesquisa foi realizada entre 1999 e 2000. Isso nos mostra como os relacionamentos amorosos na Internet são mais antigos do que imaginávamos. É importante ressaltar que a Internet passa, com rapidez e constância, por uma atualização de seus programas através de ferramentas diferentes, mas a lógica das conexões continua a mesma.

A faixa etária dos pesquisados está situada entre os 40 e 57 anos, considerando-se que o estudo buscou investigar como os adultos estão utilizando a Internet, como meio de busca para relacionamentos amorosos. Esta faixa etária deve-se ao objetivo de investigar como pessoas adultas, que não foram criadas numa sociedade informatizada, e que estão numa fase da vida que, geralmente, está menos porosa e suscetível a mudanças rápidas, estão lidando com a nova possibilidade de interações trazida pela virtualidade. As diferenças de gênero e classe social não foram tratadas na análise do tema. Entretanto, pode-se inferir que os entrevistados são de um nível socioeconômico médio-alto por seus relatos e pelo fato de que, à época da pesquisa, o acesso à internet ainda era mais restrito.

A análise do conteúdo foi utilizada levando-se em conta a importância que cada significado de discurso tem quando se trabalha com pessoas, com singularidades, através de dados que escapam a medidas. Quando se trabalha com esse tipo de análise, as formas de abordagem são mais soltas e não obedecem a uma ordem fixa. A construção iterativa permite ao pesquisador ir tecendo, passo a passo, uma análise do tema estudado, investigando a significação dos conteúdos, suas relações e categorias. É um tipo de análise que se molda bem a pesquisas exploratórias, que caminham sinuosamente entre a observação, a verificação e a interpretação.

Laville e Dionne (1999) ponderam que a disciplina e a organização sistemática devem estar presentes durante todo o processo da pesquisa; ressaltam, entretanto, que esses procedimentos não devem impedir que a intuição, a imaginação e a delicadeza sejam utilizadas. O relacionamento virtual oferece também como atrativos a comodidade e uma relativa segurança, tendo em vista que facilita a possibilidade de conhecer pessoas novas sem ter que fazer um deslocamento físico. Após o término, será feita a análise qualitativa dos resultados obtidos, tendo como base a teoria social de Giddens. A teoria social ou teoria da estruturação, de Giddens (1991), foi escolhida por abordar a questão da modernidade e suas discontinuidades. O autor afirma que existe, na modernidade, uma reivindicação que é circular, ou seja, que circula dentro e fora do ambiente que descreve (ACIOLI, 2007).

Giddens, citado por Acioli, destaca que

As tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intencionais - elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos polos local e global. Muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos na verdade dizem respeito à experiência de viver num mundo em que a presença e a ausência se combinam de maneiras historicamente novas (GIDDENS *apud* ACIOLI, 2007, s/p).

Os avanços tecnológicos e a globalização inauguraram uma nova forma de ver a sociedade pós-moderna, na qual o homem se transforma em agente ou ator social, fazendo, dessa forma, com que o meio social seja também transformado a partir dos fenômenos sociais nele inseridos (GIDDENS *apud* JURIGAN, 2010). Giddens ressaltava que, no momento em que se torna agente social de suas práticas, o homem não tem consciência de que seu ato é transformador; age de forma intuitiva, utilizando sua consciência discursiva e prática. O autor explica que, na consciência discursiva, o homem utiliza símbolos como ocorre, por exemplo, na linguagem. Destaca que, para acionar a consciência discursiva, o homem lança mão de todo seu arsenal de conhecimentos previamente adquiridos em sua vida social, fazendo com

que o que era antes apenas uma consciência discursiva se transforme em consciência prática. Para o autor, o agente ou ator social vai surgir a partir dessa transformação, fazendo com que suas ações, de forma consciente ou intuitiva, produzam um efeito na sociedade (GIDDENS apud JURIGAN, 2010).

Nesse sentido, as novas práticas do relacionamento amoroso via Internet parecem apontar para uma situação da contemporaneidade, na qual o comportamento do sujeito pode ser compreendido a partir do pensamento de Giddens. Assim, a prática dessa nova modalidade de relacionamento sugere que o homem tem vivenciado suas experiências simultaneamente, como ator e como agente social transformador, provocando efeitos na sociedade. Daí a escolha feita pelo uso da teoria social de Giddens como base para análise dos dados qualitativos dessa pesquisa. No final, será feita a conclusão, e os resultados poderão ser divulgados, se possível, via Internet. A seguir, será feita a apresentação dos casos.

4.2 Apresentação dos casos

A seguir, serão apresentados três casos relatados do livro de Alice Sampaio "Amor na Internet: quando o virtual cai na real." Esses casos constituem o foco de análise desta pesquisa.

4.2.1 Caso 1: Amor Ultramarino

Dora¹, mulher solteira, de 40 anos, relata que teve apenas um relacionamento sério em toda a sua vida, com duração de três anos. Resolve entrar numa sala de bate-papo, onde conheceu Enzo, e começaram a trocar e-mails. O internauta identificou-se como um fotógrafo italiano, de 42 anos, da revista Elle, em Paris, filho de uma professora portuguesa; e justificou que, por isso, falava e escrevia português. Durante o início das trocas de e-mails, relatou ter viajado a trabalho, para a Índia e para Maiorca. Dora relatou que era afetuosamente tratada por “minha amiga Sissy” (SAMPAIO, 2002, p. 224) e que, durante esse período, os internautas corresponderam pouco.

Através de um ICQ recém-instalado após quatro meses de correspondência, ele se declarou, engasgado, dizendo que estava completamente apaixonado por ela. Disse também que ela era muito especial. Desapontada, Dora acabou afirmando que também o amava, pois

¹ Dora é o nome fictício dado à relatora do caso 1 pela pesquisadora, já que a autora do livro não a nomeou. A decisão por dar-lhe um nome deve-se à intenção de facilitar a leitura do caso.

ele estava exigindo uma resposta. Nessa época, ele dizia estar escrevendo de Lisboa, onde morava, e envolveu-a falando repetidamente que a amava; e ela, quando percebeu, estava apaixonada. Até então, Dora dizia não estar se importando com a aparência física, estado civil, idade. Enzo enviou a ela uma foto dizendo que tinha 42 anos, era grisalho e media 1,68m. Entretanto, na foto, ele parecia bem mais velho. Ela fingiu não se importar e colocou a foto num painel para acostumar-se com aquela imagem. Relatou que ele mandou várias fotos dois meses depois, com um pouco menos de peso do que mostrava na primeira foto.

No ano seguinte, Dora conta que foi pedida em casamento e que respondeu: “não brinca com o coração de uma velhinha carente” (SAMPAIO, 2002, p. 225), mas aceitou na hora. Trocaram presentes, mensagens, CD's; e ela e até reformou sua casa para hospedá-lo. Foi também para um spa e conseguiu reduzir seu peso e ficar com 80 quilos. Só em maio, um mês antes de se conhecerem, Enzo revelou que era português, radialista, que sempre morou em Lisboa e que não tinha feito nenhuma viagem.

Apesar das mentiras de Enzo, Dora relata ter se sentido mais confiante, e, finalmente, no dia 1º de junho, foi buscá-lo, no aeroporto. Confessou ter ficado decepcionada com a figura dele, que era completamente diferente do que ele havia descrito. Era bem mais velho, surdo de um ouvido, usava dentadura, era cardíaco e muito malvestido. Dora conta que tiveram relação sexual nessa mesma noite e que gozou, apesar de ter sido ruim; comentou também que não conseguia entender como isso podia acontecer. Ela disse que passaram dois dias em sua casa, uma chácara e, durante esse período, ele mostrou-se pouco gentil, sempre fechado, sério, distante, um estranho dentro de casa. Disse que tentou agradá-lo de várias maneiras, mas não houve, da parte dele, nenhuma demonstração de carinho ou de reconhecimento. Foram passar dois dias na casa da família dela, em São Paulo, onde ele foi especialmente tratado, com todas as gentilezas possíveis, mas permanecia sisudo e não carregava nem as próprias malas! Ao voltar para a chácara, percebeu que ele não a agradava em nada, que era antipático e autoritário. Obrigou-a a fazer uma viagem com ele para Piracicaba, para conhecer Lucy, uma mulher com quem ele fez amizade, também pela Internet. Dora relata que acabou indo e conhecendo a tal amiga, que não foi sincera com ela: Lucy dizia, ao mesmo tempo, que ela e Enzo eram só amigos, mas tentava agradá-lo ao máximo. Enzo disse que precisava de um tempo e que iria passar uns dias num hotel, para pensar.

A princípio, Dora não queria que ele fosse, mas, por fim, acabou procurando um lugar para ele ficar. Foi quando Enzo teve coragem de contar-lhe que havia uma outra mulher, em São Paulo. Dora contou que, em apenas uma semana, todo seu sonho construído

ao longo de um ano tinha se desfeito. Relata ter chorado muito, pois sonhou em mudar-se para Lisboa e deixar de ser um peso para sua mãe, que até então a sustentava. Enzo chorava, apesar de não demonstrar qualquer sentimento de afeto por ela. A mãe de Dora veio para passar uns dias com ela, que disse só ter chorado quando a mãe partiu. Passou um tempo incomodada, pensando que perdera um ano investindo naquela relação e esperando por ele, para não dar em nada. Ficou em dúvida se tudo aquilo tinha sido verdade, mas descobriu que estava apaixonada pelo Enzo do computador, que se dizia alegre e carinhoso, e não por aquele outro, seco e prepotente. O fato de ver que ele era diferente demais do que ela imaginava fez com que ele saísse rapidamente de sua cabeça. No início, foi difícil; Dora foi invadida por uma sensação de vazio, estava disposta a largar tudo para casar-se com Enzo. Após duas tentativas de reatar o relacionamento, ele sumiu.

Depois de alguns meses, ela foi procurada pela família de Enzo, primeiro pelo irmão, que afirmou que a descrição da outra namorada brasileira, Lucy, assemelhava-se muito à da mulher dele, que morava em Portugal. Depois, Dora conta que o pai e a irmã de Enzo ligaram para ela dizendo que, quando souberam da história com detalhes, ficaram chocados e relataram que ele era casado há vinte anos, em Portugal, e que maltratava e trancava sua esposa em casa. Contaram que ele tinha dois filhos, de 17 e 19 anos, era namorador, e a Internet era o mundo dos sonhos dele. Disseram que Enzo, quando veio para o Brasil, contou à família que estava indo para o Timor Leste, a trabalho, mas, quando ele começou a demorar muito, a família resolveu procurá-lo. Desiludida, Dora queixou-se de que passou uns dias muito mal, chorando, mas depois melhorou, voltou a trabalhar e a relacionar-se com um ex-namorado; e disse que engordou muito. Logo depois, Enzo ligou para ela de Lisboa, e ela contou-lhe que sabia de toda a verdade. Ele disse que se separara da esposa e que estava sozinho, aposentado; queria saber se ela o perdoava e se poderiam ser amigos. Dora disse-lhe que não, que estava tudo terminado e que ele deveria procurar um médico para se tratar.

No ano seguinte, ela relata ter sido procurada por um fotógrafo, amigo de Enzo, que veio ao Brasil para contar o desfecho e disse não saber com qual intenção Enzo viera. O amigo contou a Dora que Enzo tinha uma lista de mulheres para conhecer aqui no Brasil e acabou procurando Adriana, uma mulher bem mais jovem; levou-a para Portugal, eles brigaram e terminaram, por três vezes. Depois de um mês, Adriana voltou para Portugal, e Enzo assumiu o relacionamento. Tudo o que Enzo havia contado a Dora era mentira, e o amigo fotógrafo disse que ele veio ao Brasil em busca de um grande amor; e que o encontrou. Segundo Dora, o que sobrou desse relacionamento foram apenas algumas fitas de música

portuguesa e o perfume que ganhara de Enzo. Agora, diz que quer refazer sua vida, vender a chácara para aumentar sua renda e comprar uma casa em Trancoso.

4.2.2 Caso 2: *Que mulherada carente!*

O expositor relata estar com 57 anos, só ter se casado uma vez, aos 30 anos, e confessa nunca ter traído a mulher. Separou-se há três anos e diz que a Internet foi a responsável pelo final de seu casamento. Relatou ter surpreendido a mulher trocando confidências com uma amiga, por e-mails. Ao questioná-la sobre o fato, ela confessou fazer sexo com a amiga. Diante dessa situação, ele desenvolveu uma depressão, e o casamento terminou. Entretanto, relatou que a própria Internet o fez “renascer.” Um ano após a separação ele foi colocado, por uma amiga, num site de relacionamento. Contou ter recebido 59 respostas e ficou impressionado com o tanto que as mulheres se revelavam e como rapidamente se interessavam pelos homens. Teclou com uma mulher muito sofrida, que, para ele, era um verdadeiro anjo. Daí ele resolveu adotar, como seu nickname, “Anjinho” e entrou em outro site de relacionamento.

Nessas tentativas, ele gostou da resposta de uma mulher com quem estava conversando – Lili - e pediu a ela que mandasse suas informações básicas, como endereço, altura, tipo físico e foto, colocando-se à disposição para responder o que ela quisesse saber a seu respeito. Lili questionou sobre a quantidade de perguntas feitas por ele e disse ser loira, divorciada, ter dois filhos, ser executiva e independente. Informou que mandaria a foto da próxima vez, caso ele gostasse do perfil. Anjinho está com cabelos brancos, tem 1,80m, olhos verdes, dois filhos e tinha sido executivo e industrial. Relatou ser uma pessoa sofrida e estar iniciando um novo negócio, relacionado à Internet. Pediu a Lili que fosse sincera em suas informações, pois já tinha passado por muitas situações difíceis e não queria viver outras decepções. Ela respondeu com otimismo, incentivou-o a começar vida nova e enviou uma foto. O relator ficou entusiasmado com a foto, achou-a muito bonita. Propôs-se a mandar-lhe seu telefone. Lili tinha 48 anos e disse que também tinha gostado da foto dele. Segundo ela, ele era “gatoso”. Falou também que queria conhecê-lo, “ao vivo”. Disse:

eu ainda sou do tempo em que as pessoas se conheciam pessoalmente, se bem que anteriormente as pessoas se casavam por correspondência, noivos prometidos (mas isso não é do meu, digo, do nosso tempo)...mas pode ser de uma geração mais contida, e por não ter me livrado ainda de alguns “ranços,” prefiro deixar meus telefones e aguardar a ligação (a iniciativa deve partir dos homens, lembra?) (SAMPAIO, 2002, p.285).

Passaram juntos o domingo, na casa dele. Ficaram sem se encontrar por mais de duas semanas. Lili enviou-lhe um e-mail, dizendo que tinha se sentido mal-amada, rejeitada, abandonada. Anjinho respondeu, queixando-se de que tinha passado o domingo sozinho, perguntando aonde ela tinha ido; justificou dizendo que não tinha conseguido fazer contato e convidou-a para se encontrarem na semana seguinte. Lili não entendeu porque não havia sido encontrada, falando que tinha passado o dia inteiro em casa, e explicou que só tinha saído à noite. Anjinho contou que, apesar de Lili tê-lo colocado para cima, ainda estava se sentindo um pouco deprimido, fazendo terapia e que não queria compromisso sério.

A história caminhou para o fim quando Anjinho levou-a, com os filhos dela, para jantar, e, logo em seguida, um deles escreveu-lhe uma carta, perguntando quando ele iria casar-se com sua mãe. Sentiu-se ameaçado, e, apesar de continuarem a se encontrar, ele foi se afastando, lentamente. Lili percebeu e explicou que, quando saiu pela primeira vez, estava como ele à procura de um namorado para compartilhar bons momentos; e que o propósito continuava sendo o mesmo. Disse que, durante o período em que se relacionaram, ela só saiu com ele. Entretanto, percebeu que com Anjinho não tinha acontecido o mesmo e que ele saía com outras mulheres. Contou também que percebia que ele não sabia ao certo o que estava procurando. Lili escreveu mais algumas vezes e desistiu. Anjinho confessou que tudo o que Lili dissera estava correto: ele tinha saído com mais de vinte mulheres nos últimos três meses e tinha duas namoradinhas. Relatou que quando o relacionamento era bom, continuava levando em frente; e justificava que a Internet servia só para contato. Explicou que quando queria algo mais, passava para o contato por telefone e buscava o encontro presencial. Relatou que continuava saindo com muitas mulheres, criticou muitas delas, chamando-as de burras, e disse que detestava receber “musiquinhas e mensagens esotéricas”. Contou que com quase todas teve relação sexual na primeira vez em que saiu com elas, dizendo ser sedutor e meloso. Justificou agir com rapidez com as mulheres, alegando que sua esposa era uma mulher “extremamente autoritária, um verdadeiro general na cama” (SAMPAIO, 2002, p. 291).

Por fim, revelou um segredo: era impotente, seu pênis era pequeno e quase nunca conseguia ter relações sexuais. Tentava compensar sendo carinhoso e, por isso, era muito bom nas preliminares. Anjinho declarou que toda a sua história amorosa virtual estava registrada com detalhes e que estava pensando em procurar um especialista para tratar de sua impotência.

4.2.3 Caso 3: *Atração à primeira teclada*

A relatora conta que tem 43 anos, é separada há oito e que foi estimulada pelo próprio filho adolescente a entrar na rede. Explica que já tinha aproximadamente um ano e meio que fazia contatos através da Internet. Levava uma vida regrada e, quando frequentava bares, só encontrava homens casados ou pessoas que queriam apenas “ficar.” Disse preferir programas como teatro, cinema ou jantares a ir a discotecas, pois lá a música é alta, o que torna difícil conversar. Também se sente muito exposta: “hoje acredito que os homens que também não querem ir a uma discoteca estão atrás do computador” (SAMPAIO, 2002, p.105). Acabou entrando num site de relacionamento por intermédio do irmão; e nesse site teve acesso a um questionário, muito bem feito, e isto a fez pensar que poderia encontrar ali pessoas de um nível melhor.

Magiclady (nickname da expositora) inscreveu-se num terceiro site, muito bem detalhado. Morou vários anos na Inglaterra e havia montado uma consultoria de idiomas para executivos que tinham dificuldade em aprender inglês. Relatou já ter a vida ocupada o bastante para perder tempo com pessoas que não fossem de seu interesse. Disse ter conversado com mais de sessenta pessoas e ter conhecido quinze pessoalmente. Assim que percebia que a pessoa não a agradava, interrompia o contato. Entretanto, conta que, ainda assim, teve várias experiências desagradáveis. A primeira pessoa com quem saiu era diferente das bonitas fotos que enviara, adorava a noite e mulheres mais velhas, e já queria abraçá-la no primeiro encontro. Magiclady comentou:

Isso é insuportável nos caras da Internet, porque como na relação virtual não tem essa coisa de “pele,” não dá para partir para cima da gente como sangria desatada. Tem de começar da estaca zero, tem de envolver, o charme conta muito. Tinha caras com quem eu saía que, no fim da noite, perguntavam: Para mim bateu, e para você? Eu ficava horrorizada, não quero que venham logo me pegando. (SAMPAIO, 2002, p. 106)

Magiclady contou que, após sair algumas vezes com essa pessoa, percebeu que ela não a agradara e que ficava perseguindo-a no ICQ² ou encontrava-a em outros sites e tentava aproximar-se à procura de amizade. Outras vezes, chegou a usar nomes diferentes para enviar mensagens agressivas. Relatou que esse sujeito perseguiu-a por muito tempo, até ela

² O ICQ é um “programa que pode ser instalado gratuitamente e cria uma sala de bate-papo particular, onde você fala apenas com quem quer e em tempo real. Você cria a sua lista de amigos e vê quando eles estão conectados, e pode também procurar novos amigos segundo o perfil que preferir, no Brasil ou fora, para incluí-los. Se por algum motivo não quiser mais conversar com certa pessoa, é só usar uma ferramenta e tornar-se “invisível” para ela.”(SAMPAIO, 2002,p.26).

despachá-lo “como bagagem desacompanhada para o Cazaquistão!”(SAMPAIO, 2002, p. 106). Relacionou-se com mais dois homens: o primeiro era muito sedutor e percebeu que as mesmas mensagens que ele mandava para ela, enviava também para outras mulheres; e que mentia falando que estava num lugar quando, na realidade, estava em outro; o segundo disse detestar mulheres que eram independentes financeiramente, mas ficavam “nas costas” dele; e, durante um jantar, teve a coragem de falar que estava com R\$5,00 negativos no banco, o que fez com que ela desistisse dele imediatamente. Magiclady conta que saiu com vários outros e que não se interessou por ninguém, pois, na maioria das vezes, eram pessoas difíceis e muito mal-amadas.

Após nove meses tentando, teve acesso a uma nova ferramenta introduzida no sistema, que apontava para um percentual de afinidades com os usuários. Acabou encontrando um internauta que apresentava 94% de afinidades com o seu perfil. A expositora se apresentou como Magiclady, informou seu endereço e o correspondente, morador do mesmo bairro, que se apresentou com o nome de Risima, sugeriu a troca de fotos. No e-mail seguinte os dois trocaram informações como idade, estado civil, profissão, número de filhos e valores. Aí ela disse que os pontos comuns apareceram. Depois de uns três dias, saíram, e houve muita empatia, segundo a relatora: “houve uma química total” (SAMPAIO, 2002, p.112). Magiclady relatou que Risima, de 46anos, era romântico, parecia adivinhar o que ela queria e aparentava ser uma pessoa muito honesta, tendo sido esses os pontos mais importantes para ela. Logo em seguida, ele conheceu seus pais e seus filhos e relacionaram-se muito bem.

No ano seguinte, alugaram um apartamento para morar juntos, já com o filho dela e a filhinha dele. Essa filha dele foi morar com a avó materna quando sua esposa faleceu. Relatou que houve muita harmonia entre os membros da nova família. Risima era viúvo há oito anos e já havia tentado vários relacionamentos. Contou que entrou em três sites da Internet, coincidentemente, os mesmos que ela. Ressaltou que achou importante enviar a foto porque achava “complicado falar com alguém sem contorno” (SAMPAIO, 2002, p.113); disse que a Internet era só um princípio e que depois é que a pessoa veria se havia empatia. Considerou que num relacionamento não basta a atração física, há outros pontos que devem ser levados em conta.

5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Os casos serão discutidos a partir de quatro categorias de análise, à luz dos autores estudados, buscando-se fazer uma articulação do referencial teórico com a prática.

5.1 A facilitação dos contatos

A facilidade dos contatos propiciada pela virtualidade esteve presente nos três casos citados. O relato do primeiro caso confirma várias ideias de alguns autores apresentados neste trabalho. Bauman (2004) afirma que a possibilidade de conectar-se e desconectar-se é um importante atrativo no mundo virtual, e essa ideia foi confirmada nesse caso. Enzo, segundo explicação da família, vivia num mundo de sonhos possibilitado pela virtualidade, e relacionava-se intensamente, na maioria das vezes, mentindo e omitindo informações. Enzo, europeu, apostou na virtualidade como forma de encontrar um relacionamento; e buscou até encontrar essa possibilidade em várias cidades brasileiras. Foi a facilitação das conexões que levou o internauta a fazer muitos contatos, à procura de um relacionamento. Embora muitas relações tenham sido desfeitas de maneira desastrosa, o final do caso aponta para uma situação de concretização da vontade de Enzo, que acabou assumindo uma das mulheres encontradas na rede.

O segundo caso aponta, também, para essa facilitação das possibilidades de relacionamentos, que, tanto aconteceu para desencadear uma separação traumática quanto para introduzir o relator no universo de buscas amorosas online. Essa constatação leva-nos a refletir sobre a forma como o ciberespaço abriu um leque amplo de possibilidades, potencializando os relacionamentos amorosos e apontando para uma nova lógica nas relações. Anjinho parece ter se adaptado rapidamente às especificidades do relacionamento virtual e relacionou-se com várias mulheres, simultaneamente.

Sua história nos leva a pensar que esses inúmeros encontros levaram-no a refletir sobre sua dificuldade no relacionamento com as mulheres e a procurar ajuda. Anjinho, deprimido com a experiência sofrida pela traição, teve suas possibilidades de relações potencializadas pela Internet, revelando que viveu mais de vinte relacionamentos e manteve, na mesma época em que se relacionou com Lili, duas namoradas. Essa possibilidade trazida pela virtualidade acabou sendo construtiva em vários aspectos, funcionando não só como facilitadora das conexões como também como forma de relacionar-se que, por não envolver o encontro presencial, pelo menos no início, ia ajudando Anjinho a elaborar sua situação e a

reinaugurar-se no universo da sedução, expondo-se da maneira que conseguia. Relatou que só passava para o encontro presencial quando alguma informação do perfil fosse interessante. A certeza do ganho positivo dessas experiências online ficou clara no momento em que Anjinho se conscientizou de sua dificuldade no desempenho sexual e declarou que estava pensando em buscar ajuda médica. As experiências trazidas pela virtualidade foram tão significativas que Anjinho arquivou-as, provavelmente com a intenção de registrá-las, por serem experiências que foram importantes em sua vida. Esse fato mostra como a virtualidade pode interferir, de forma marcante e positiva, na vida de seus usuários.

Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008), Nicolaci-da-Costa (2005) e Sibília (2008) acreditam na virtualidade como uma possibilidade a mais na busca por relacionamentos amorosos; e destacam que a distância física não é mais impedimento para o envolvimento amoroso. Essa constatação dos autores foi confirmada pelos casos apresentados. Magiclady, no terceiro caso, comenta que os homens que não querem ir à discoteca estão teclando, apontando para a prática de uma determinada categoria de homens que, talvez, pelos mesmos motivos que ela, que se sente desconfortável com a exposição e incomodada pela música alta, está preferindo a Internet como fonte para busca de parceiros. Poderíamos pensar que um determinado grupo de homens, provavelmente da mesma faixa etária de Magiclady, que não gosta de frequentar discotecas, encontrou no relacionamento virtual uma nova maneira de buscar relacionamentos, que é mais cômoda, pois, poupa o interessado, pelo menos no início, de um encontro presencial, com intenção de iniciar uma relação com menos comprometimento.

Muitas vezes a troca de informações no ciberespaço funciona como uma triagem, fazendo com que as pessoas que não despertam interesse terminem na virtualidade, sem a necessidade de um possível desgaste do encontro presencial. Parece que Magiclady, ao identificar-se com os homens que não gostam de discoteca, estava querendo dizer que encontros em discotecas são, muitas vezes, programas que buscam por diversão e são procurados apenas como uma noitada de farrá, que possa terminar com uma aventura sexual prazerosa, sem comprometimento, uma forma de passar o tempo, de curtidão, o que afasta a possibilidade de uma busca por um relacionamento sério, que evolua, levando a alguma forma de compromisso e tenha um desfecho positivo, como Magiclady procurava. A relatora, ao dizer que, como ela, os homens que não estão em discotecas estão “teclando”, leva-nos a pensar que percebia nos encontros virtuais uma tentativa mais direcionada a quem tinha a intenção de achar um companheiro, ou seja, a virtualidade poderia funcionar como uma busca objetiva, no estilo “mala direta”. Isso ficou muito claro quando Magiclady disse ter percebido

que sua possibilidade de encontrar um par aumentou muito quando encontrou um site de busca por relacionamentos amorosos mais bem elaborado, que permitia uma busca mais específica do perfil procurado por meio de uma ferramenta que possibilitava um conhecimento mais aprofundado do percentual de afinidades do internauta. Essa especificidade do programa se mostrou eficiente ao conduzir Magiclady ao acerto em sua busca. Entretanto, é importante considerar que não gostar de ir à discoteca não significa a exclusão de outros tipos de encontros presenciais.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), as relações virtuais podem tornar-se presenciais, aumentando a possibilidade de um desfecho final positivo. Enzo, apesar da distância física, partiu para o contato presencial em suas tentativas e, após várias conexões, parece ter conseguido alcançar seu objetivo. Magiclady também encontrou um companheiro e, como os casos citados mostraram, estão acontecendo muitas relações iniciadas através da virtualidade, que terminam em relacionamentos presenciais duradouros. Essa realidade de sucesso nas relações virtuais leva-nos a acreditar que a Internet pode funcionar como uma nova forma de encontrar companheiros, desconstruindo a ideia de que todas as relações desenvolvidas online são falsas e que não é possível que nada de sério aconteça através do ciberespaço.

5.2 A idealização da imagem

Entendemos que para tratar da questão da idealização da imagem no ciberespaço é preciso abordar o tema da criação de identidade no cenário atual. Discutiremos a formação da identidade através de um enfoque sociológico, via Bauman e Giddens e, em seguida, através de um enfoque psicológico, via Ciampa.

Bauman (2005) destaca que a formação da identidade, como regra social, vem passando por vários obstáculos na pós-modernidade fluida, produzindo identidades líquidas, desmontáveis e em constante construção. O sociólogo afirma que, numa sociedade em que os indivíduos não se sentem pertencentes à comunidade, a criação de uma identidade social fica prejudicada, pois, ao buscar um modelo com o qual se identificam, num contexto de mudanças rápidas, acabam formando identidades controversas, diversificadas ou parciais. O autor quer dizer com isso que, em décadas anteriores à pós-modernidade, a comunidade precedia o indivíduo e assegurava a ele um lugar e um papel social definidos, através de um posicionamento hierárquico preestabelecido, num contexto social sólido em função do fortalecimento dos laços de pertença. Essa estabilidade, propiciada pela solidez da sociedade,

facilitava a construção de sua identidade (BAUMAN, 2005). Em tempos de fluidez, o que era sólido liquidificou-se, e as certezas foram desmontadas, levando o indivíduo a reconstruir-se, a cada instante, como as imagens formadas pelo caleidoscópio que, em poucos segundos, já modificaram para transformarem-se em outras, completamente diferentes. Assim estão acontecendo as novas formações de identidade, através da tentativa e erro, via construção-desconstrução. Sem a estabilidade de um terreno sólido, distanciada de modelos significativos e desvinculada de laços firmes, a construção da identidade está passando por uma situação de crise, aparecendo fragmentada e solúvel, sem amarras de sustentação.

Giddens (2002), da mesma forma que Bauman, ressalta que a influência das “descontinuidades de tempo e espaço” na vida dos indivíduos pós-modernos, está apontando para a dificuldade de construção da identidade num contexto que, ao contrário dos momentos de solidez de décadas anteriores, é atemporal.

Para Ciampa (1994), a identidade é um processo em construção, que só pode ser compreendido dentro de um contexto social e histórico. Conforme o autor, para entendermos a formação da identidade na contemporaneidade é preciso voltar o olhar para os valores vigentes da sociedade consumista e suas regras, afirmando que “não é possível dissociar o estudo da identidade pessoal do da sociedade” (CIAMPA, 1994, p. 72). Ressalta ainda que a identidade é formada por um conjunto complexo de fatores que deve ser compreendido a partir de várias áreas das ciências humanas, como a antropologia, a sociologia e a psicologia.

Ciampa (1994) introduz a ideia da metamorfose para explicar a formação da identidade como processo contínuo, de formação-transformação, na vida do sujeito. O autor utiliza a metáfora da metamorfose buscando compará-la à formação da identidade como processo constante e transformador, que não se dá como terminado, por permanecer em andamento ao longo da vida, como um sistema dinâmico em construção. Ao contrário de uma visão de identidade estática, proposta tradicionalmente, o autor lança o conceito de identidade como algo que é flexível e que se altera, a cada instante, diante do encontro com o outro. Somos uma síntese das nossas experiências passadas, das nossas vivências presentes e do que esperamos do futuro. Portanto, a identidade se articula nas relações sociais, já pressupondo uma nova forma de apresentar-se (CIAMPA, 1994). Esse caráter transformador, atravessado pelas relações sociais, aponta para as modificações da identidade propiciadas pelas novas tecnologias digitais.

Murray, citado por Souza (2010), afirma que a Internet, através da liberdade de autoexpressão, facilita a criação de novas identidades. Essa facilitação permite que as pessoas

se apresentem da forma que gostariam de ser e, a partir da criação desse novo personagem idealizado, lançam-se no espaço virtual em busca de oportunidades de relacionamentos.

Rosa e Santos (2013) destacam que existem, no meio acadêmico, duas tendências relacionadas à criação dos perfis virtuais: a primeira, seria a que ressalta as características positivas da identidade, apontando para o impulso dos internautas de construir um personagem valorizado socialmente ou com características valorizadas em seu meio; a segunda seria a que leva o internauta a buscar, a partir de um de seus próprios traços de personalidade, uma nova maneira de ser, melhorada. Anjinho manifestou seu medo de ser enganado por uma exposição falsa ou idealizada de perfil quando pediu a Lili para ser sincera nas informações, alegando já ter sofrido o bastante para ter outra decepção. É interessante observar que Anjinho sofreu com decepções em suas relações presenciais ao constatar que sua esposa mantinha um relacionamento com outra mulher. Essa realidade aponta para a possibilidade de uma continuidade do relacionamento iniciado no espaço virtual para o presencial, já que Anjinho levou para a Internet muitos de seus sofrimentos e decepções vividos na vida presencial. Esse fato nos leva a pensar numa continuidade entre esses modos de comunicação, e não como uma cisão, como muitos autores têm pensado. São muitas as possibilidades e modalidades de apresentação e de trocas de informação que transitam livremente no espaço virtual, que tanto podem facilitar quanto dificultar as relações.

Santaella (2010) discute sobre essa facilitação trazida pelo ciberespaço de tornar possível a criação de personagens, e de novos nomes, e das dificuldades trazidas pela ausência de contiguidade, atribuindo à distância física a possibilidade dos internautas de se apresentarem da forma que quiserem através da mentira, da omissão de informações, do desejo de dar vazão a fantasias, que, muitas vezes, ficam impossibilitados ou, pelo menos, dificultados pela proximidade física. São muitas as possibilidades e modalidades de apresentação e de trocas de informação que transitam, livremente, no espaço virtual que tanto podem facilitar, quanto dificultar as relações.

A facilitação de criação de um personagem foi exatamente o recurso utilizado por Enzo ao inventar um perfil mais requintado, quando se apresentou como fotógrafo francês da revista Elle. Quando Dora o via só através de mensagens e fotografias, a aparência física do português não a incomodava muito, parecia ser fator secundário no relacionamento. Entretanto, no momento do encontro presencial, esse aspecto parece ter tomado outra dimensão, o que a levou a relatar: “transar com ele era nojento, porque ele não me atraía fisicamente. Tinha um pintinho meia boca, parecia uma cenoura passada, mas posava de garanhão, gostoso. Eu até gozava com ele, mas era difícil. Ao anoitecer, já ia ficando

nervosa, pois sabia que íamos transar de novo.” (SAMPAIO, 2002, p. 232). Parece que Dora estava apostando no sucesso desse relacionamento com intenção de resolver suas questões pessoais, como casar-se, deixar de ser dependente da mãe, tendo em vista que o casamento poderia torná-la dependente do marido, uma situação mais confortável na cultura ocidental, na qual depender do marido é muito mais aceito socialmente, sentir-se aceita e desejada, apesar do seu excesso de peso. Percebe-se que ela depositou nessa relação a solução de grande parte de seus problemas, tendo em vista que, além de não ter uma profissão, sentia-se como “uma velhinha carente”. Esse desejo de resolver suas dificuldades aponta para uma idealização relativa a toda a situação, inclusive, com relação à aparência física de Enzo, que, provavelmente, estaria muito mais associada à dos príncipes encantados, que aparecem nos momentos mais difíceis para salvar as donzelas das situações de sofrimento.

Apreende-se que a idealização esteve sempre presente nos casos citados, e esse fato nos leva a pensar até que ponto ela não sustentaria muitos relacionamentos, sendo com frequência utilizada como âncora nas relações amorosas, de modo geral.

Birman (1997) afirma que a fantasia está presente em qualquer modalidade de relacionamento subsidiando a idealização. No caso citado, Dora teve dificuldades explícitas com relação à aparência física, que era diferente da foto enviada no início do relacionamento, e com a dificuldade de audição apresentada por Enzo. Essa situação nos faz deparar com algumas limitações que a virtualidade ainda apresenta, pois, apesar de já enviar fotografias e imagens em tempo real, ainda não consegue transmitir com clareza o impacto que a imagem presencial pode causar.

Luhmann (1991), em seus estudos sobre interações sociais, afirma que a comunicação é um processo interno no qual o amor se desenvolve. Para o autor, o amor é percebido como uma possibilidade de comunicação típica da individualidade. Segundo o sociólogo, ao mesmo tempo que a sociedade moderna é vista por alguns autores como uma fase caracterizada pelas relações impessoais, ela aponta também para uma intensificação das relações pessoais. O autor ressalta essa controvérsia quando destaca que, apesar de ter como marca as relações impessoais, a sociedade atual também abre um espaço que viabiliza um aumento da possibilidade de trocas de traços individuais e singulares, dando a essas relações o nome de interpenetrações ou relações íntimas.

Para Luhmann, essas trocas particularizadas acontecem a partir do conhecimento de singularidades, através de envolvimento profundos, via código amoroso. Conforme o autor, o amor não deve ser percebido como um sentimento, e sim como um código, através do qual se expressa. Os relacionamentos amorosos da atualidade estão aparecendo cada vez mais

customizados, ou seja, personalizados; e por buscarem atender a demandas específicas, através de cada particularidade, estariam mais sujeitos a incertezas e improbabilidades. A partir do momento em que se tornam mais customizados, maior é a dificuldade de comunicação entre eles. O autor usa o termo amor-paixão buscando especificar um meio de comunicação relacionado ao sistema de intimidade, podendo, assim, diferenciá-lo de outros meios de comunicação, afirmando existir uma marca do código, construída por volta do século XVII, época na qual o amor romântico estaria associado à ideia de sofrimento involuntário.

Luhmann, citado por Carriço, Silva, Santos e Veiga Júnior (2006), afirma que os indivíduos, em seu meio social, devem ser percebidos como referências de comunicação, destacando que comunicação produz comunicação, o que leva o processo à continuidade. O sociólogo ressalta que a comunicação enfrenta vários obstáculos como: dificuldade na transmissão e compreensão da informação; dúvida com relação à chegada da comunicação ao destinatário; e incerteza com relação à aceitação da informação.

Os relacionamentos amorosos virtuais utilizam-se de códigos de comunicação específicos e personalizados, que se encaixam nos modos de comunicação usados no amor-paixão e estão sujeitos a todas as incertezas citadas acima. Por ser um amor que se sujeita à auto-submissão, à cegueira e ao sofrimento, torna-se um tipo de amor desregrado e desmedido. Percebe-se que esse tipo de código de comunicação do amor-paixão está sendo muito utilizado nas relações íntimas da contemporaneidade, tendo em vista que as relações amorosas, da mesma forma que o amor-paixão, estão cada vez mais particularizadas e marcadas pela vontade individual. Entretanto, de acordo com o pensamento de Luhmann, os autores destacam que

As relações íntimas em uma sociedade cada vez mais impessoal seriam possíveis porque o amante possui, em um mundo esquematizado por ele próprio, um papel de destaque como aquele que é amado por um outro, ou seja, ele acredita ser também o centro do mundo projetado pelo amado. (CARRIÇO; SILVA; SANTOS; VEIGA JÚNIOR, 2006, p.5-6).

O que o código do amor pretende é diminuir as dificuldades na comunicação que, a partir do momento em que favorece a aceitação da singularidade do outro, torna-se facilitada pelo atendimento às demandas particularizadas que buscam, através das singularidades dos parceiros, criar um código específico para atender, com exclusividade, as demandas de cada casal. Em busca ao atendimento de demandas únicas, os relacionamentos também são construídos com exclusividade. Luhmann (1991) afirma que o código amoroso é o que está

guiando os relacionamentos de intimidade e atribui a essa aceitação de individualidades sua grande utilização na modernidade (LUHMANN, apud CARRIÇO, SILVA, SANTOS, VEIGA JÚNIOR, 2006).

O mundo pós-moderno possibilita a singularidade nas relações, fazendo com que elas apareçam mescladas de valores modernos e pós-modernos, que, por estarem embaralhados, acabam exigindo muito para serem elaborados, dificultando a criação de uma nova forma de relacionar-se. Mas o lado positivo dessa tendência é a possibilidade que cada sujeito tem de criar a sua relação. Diante da busca ao atendimento de tantas especificidades, a criação dos relacionamentos torna-se complexa, pois é preciso criar um código específico de relacionamento, que, a partir das singularidades de cada parceiro, vai se transformar numa única possibilidade de relação do casal. Essa construção é customizada e, por isso, envolve tempo, dedicação e trabalho árduo, que só poderá atender à demanda específica de cada casal. Daí seu nível de complexidade para a elaboração. Além de todo empenho em busca de uma criação personalizada, é preciso levar em conta o trabalho do imaginário, que está presente em todas as relações afetivas, e que, no caso dos relacionamentos virtuais, apresenta-se potencializado diante da ausência de contiguidade.

Como afirmam Donnamaria e Terzis (2009), os contatos virtuais favorecem o imaginário, facilitando a criação de personagens, perfis, nomes fictícios, criando e alimentando ilusões. Isto fica claro tanto no caso um quanto no caso três, quando Dora e Magiclady se espantam ao se depararem com as imagens presenciais dos parceiros. Os relatos citados nos levam a pensar que, diante da ausência da imagem, a possibilidade de idealizar o desconhecido desejado fica aumentada.

Birman (1997) argumenta que é mais fácil desvencilhar-se do relacionamento no contato virtual, pois o final da relação foi com a imagem idealizada, e não com a pessoa real. Entretanto, o autor destaca que a fantasia é o elemento fundamental da sexualidade, pois é através dela que a sexualidade se expressa, usando formas diferenciadas de comportamento. Segundo a afirmativa de Birman (1997), o comportamento deve ser compreendido como o produto final de uma longa sequência de ligações inscritas na fantasia do sujeito. Portanto, a presença da fantasia no imaginário acontece em qualquer modalidade de relacionamento, como “matéria-prima” da sexualidade. Isso nos faz pensar na virtualidade enquanto uma modalidade potencializadora do funcionamento do imaginário, pois a imaginação ganha novas dimensões na situação de afastamento físico, já que parece que a fantasia predomina no imaginário diante da ausência da imagem presencial (BIRMAN, 1999).

Nos três casos apresentados, percebemos como a virtualidade possibilitou aos internautas um número grande de conexões num curto espaço de tempo, e como o término dos relacionamentos também aconteceu com a mesma rapidez do início, no caso de Magiclady. Os encontros virtuais tornaram-se presenciais, nos casos de Dora, Anjinho e Magiclady, e os relatores ressaltaram a dificuldade que foi para elas e para ele livrar-se dos parceiros após o contato presencial. Dora fala de sua dificuldade para colocar um ponto final na relação com Enzo, e Magiclady teve de despachar um dos muitos encontrados online, anteriores ao seu último relacionamento, que foi bem sucedido, como “bagagem desacompanhada para o Cazaquistão.” (SAMPAIO, 2002, p.106).

Esses depoimentos levam-nos a pensar que, quando os relacionamentos permaneceram apenas no espaço virtual, a finalização foi mais fácil. Os relatos de Dora e Magiclady confirmaram a afirmação de Birman (1997) a respeito da ligação do personagem idealizado. A virtualidade potencializa a imaginação e faz com que ela voe com rapidez, sem limites de tempo e espaço.

Percebe-se que as buscas de Dora, Lili e Magiclady estavam muito pautadas na procura pelo parceiro ideal e bastante alavancadas nos valores e hábitos da modernidade, através da busca por homens honestos, sinceros, que tomassem iniciativa com relação aos encontros, que não partissem imediatamente para proposta de relacionamento sexual, que fossem fiéis e buscassem, como elas, por relacionamentos duradouros. Isso fica claro no argumento de Lili, quando ela comenta ser de uma geração mais contida e, ainda, carregar uns restos de hábitos de gerações passadas, concluindo que cabe aos homens marcar os encontros.

Até que ponto a iniciativa masculina de marcar os encontros não faria com que Lili se sentisse mais segura, afastando-a do lugar de mulher fácil e oferecida, visto que, muitos já chegam “pegando” e querem manter relações sexuais no primeiro encontro? Esse relato deixa claro que os relacionamentos da pós-modernidade ainda estão muito atrelados aos valores e hábitos da modernidade; e que essa realidade aponta para uma situação atual de contradição: se, por um lado, os meios e as formas de relacionar-se mudaram, por outro, ainda trazem à tona um conjunto de ideias, práticas e valores da modernidade, que surgem com frequência como pano de fundo, sombreando as relações da pós-modernidade.

Os relacionamentos virtuais chegaram fazendo uma aposta aos tempos de velocidade e fluidez da pós-modernidade, que, por serem caracterizados pela rapidez e transitoriedade, estão em conflito com as práticas da modernidade, como os sonhos românticos, a fidelidade e a estabilidade, ainda presentes. Dora, Lili e Magiclady deixaram claro que estavam em busca de um grande amor, de um parceiro charmoso, atraente e cavalheiro, que tivesse os mesmos

valores delas, com quem pudessem estabelecer um relacionamento pautado na estabilidade e na segurança, típico das relações da modernidade.

Os casos apresentados mostram como a modernidade e a pós-modernidade estão coexistindo com dificuldade, como consequência da mescla de características típicas de cada fase, imersas em tempos e velocidades diferentes. Procura-se por parceiros através da virtualidade, que propicia uma busca rápida, mas espera-se que o desenrolar desse relacionamento siga com tranquilidade pelos caminhos anteriores aos da virtualidade, levando as relações a um descompasso produzido pela diferença nas velocidades, ou seja, encontra-se rapidamente um interlocutor, mas espera-se que o desenvolvimento da relação aconteça em outro ritmo, menos acelerado. Parece que o cenário de fluidez e efemeridade da contemporaneidade tornou-se um terreno fértil para o surgimento da virtualidade, que acabou se inscrevendo, através de um espaço sem demarcações físicas e temporais, demandado pela urgência e pela volatilidade das relações da atualidade.

A busca pelo prazer imediato funciona como um incentivo à idealização da imagem, pois será em função do perfil apresentado ou pelo conteúdo da mensagem enviada que o internauta poderá ser capturado. Daí a importância da apresentação de um perfil que seja sedutor o bastante para chamar a atenção e agradar ao internauta.

Rosa e Santos (2013) afirmam que o internauta, ao criar seu perfil, busca direcioná-lo, na Internet, de acordo com suas intenções, através da construção de um personagem customizado, que possa ser percebido por seu interlocutor da maneira como gostaria de ser visto. Enzo, Anjinho e Magiclady se apropriaram dos perfis apresentados, ainda que falso, no caso de Enzo, buscando chamar a atenção, visando a uma possibilidade de sucesso nas interações. Enzo buscou impressionar Dora a partir da construção de um perfil que considerou ser interessante. Anjinho, embora tenha se apresentado como uma pessoa sofrida, esforçou-se para demonstrar ser alguém extremamente sedutor, declarando, posteriormente, que buscava compensar o problema da impotência demonstrando ser muito carinhoso, através dos contatos preliminares.

5.3 A mentira

A mentira foi presença constante nos relatos dos casos citados. No primeiro, Enzo mentiu durante quase todo o tempo do relacionamento, inclusive no encontro presencial. A sua verdadeira história foi revelada por sua família e confirmada pelo fotógrafo, que, no final, foi ao encontro de Dora. Nesse caso, a mentira teve um papel decisivo no desfecho, pois a

relatora viu-se diante de uma pessoa que, além de não ser a mesma apresentada no ciberespaço, não era confiável. Enzo mentiu durante todo o tempo em que se relacionou com Dora, com relação ao seu perfil, à sua nacionalidade, ao seu estado civil, à sua profissão; e continuou mentindo com relação aos aspectos que não podiam ser desvendados através dos encontros presenciais, não contando a Dora sobre seus inúmeros relacionamentos amorosos. Enzo mentiu durante os relacionamentos virtual e presencial e manteve a mesma atitude de falsidade, mesmo após o primeiro encontro presencial. Isso nos leva a pensar que a mentira também pode sustentar-se em situações presenciais.

No segundo caso, Anjinho, ao relacionar-se com várias mulheres simultaneamente, acabava mentindo para Lili, embora ela tenha relatado que percebia que ele tinha outros relacionamentos.

Já Magiclady deparou-se com várias mentiras ao longo de seus relacionamentos virtuais, quando contou ter percebido que as mesmas mensagens que eram enviadas para ela eram também enviadas para outras em muitos de seus relacionamentos anteriores ao último, que teve desfecho positivo. Percebe-se, nesses relatos, que mentir tem sido uma prática comum nas relações via Internet. É importante destacar que estamos diante de dois tipos de mentira: a mentira simples, associada à facilitação trazida pela virtualidade, e a mentira mais elaborada, associada à criação de personagens idealizados.

Com relação à primeira, Bauman (2004) afirma que a fluidez dos espaços virtuais favorece a rapidez na qual os relacionamentos surgem e desaparecem, sem deixar marcas, sumindo da tela sem registros, favorecendo o uso da mentira. Percebe-se que a mentira simples, menos comprometedora, foi muito utilizada na tentativa de atrair o internauta, num primeiro momento. Em algumas situações, como na de Enzo, a mentira com relação a sua idade e aparência físicas sustentou-se só até o primeiro encontro presencial. A mentira simples, especialmente a que aparece no espaço virtual, surge muitas vezes com a função de seduzir e atrair a atenção do internauta; e como, em muitas situações, fica restrita a esse espaço, não tem necessidade de ser sustentada, já que pode desaparecer rapidamente e ficar no anonimato. A utilização da mentira simples tem aparecido muito nos contatos da contemporaneidade, tendo em vista o caráter imediatista das relações como as virtuais e no “ficar,” por serem situações que não demandam, necessariamente, compromisso e continuidade. Isso nos leva a crer que, caso ela seja descoberta, o impacto provocado será menos significativo.

Com relação à segunda, a mentira mais elaborada, Santaella (2010) destaca que a Internet, caracterizada pelo afastamento físico, potencializa a criação de personagens através de um espaço em branco, no qual os correspondentes podem fantasiar à vontade.

Sossai (2010) afirma que essa possibilidade do internauta de apresentar-se da maneira que quer e criar novos nomes não dá sustentação às relações e destaca que aparecer na tela por meio de mensagens dá um caráter de instabilidade às relações, pois, além da possibilidade das informações e mensagens enviadas serem, muitas vezes, falsas e idealizadas, o afastamento físico não confere a autenticidade a elas, deixando os relacionamentos numa condição vulnerável. É mais fácil para o internauta dizer para seu correspondente, via Internet, que é lindo, jovem e atraente do que de forma presencial. Ao vivo, não há como fugir da realidade com relação à imagem física, e o indivíduo acaba se apresentando como é, como foi o caso de Enzo. Mesmo com envio de fotografias e imagens em tempo real, algo escapa com relação ao que está sendo mostrado ou enviado através do ciberespaço.

Questiona-se até que ponto a mentira virtual, potencializada por sua própria condição, não estaria buscando compensar esse algo que escapa através de informações exageradamente sedutoras. Percebe-se que o espaço virtual aceita, com maior facilidade, as informações.

Bauman (2004) destaca que muitos tipos de namoro na Internet acontecem dentro de um cenário de diversão e lazer, atribuindo à virtualidade a possibilidade desse tipo de relação, que não busca nenhum tipo de evolução nem de compromisso, e que procura apenas o entretenimento ou o prazer momentâneos. Entretanto, é importante lembrar que a mentira é uma prática antiga na história da humanidade; e que também sempre foi dita de forma presencial e através de cartas, por telefone e por fax, em filmes, gravações e outros meios de comunicação. Nos casos apresentados, a mentira foi utilizada no ciberespaço como início para as conexões e também funcionou como “isca”, na tentativa de atrair os parceiros. Enzo achou, provavelmente, que teria mais chances descrevendo-se como um fotógrafo italiano do que como um radialista português.

Nicolaci-da-Costa (1998) adverte, afirmando que qualquer relacionamento, independentemente de ser ou não virtual, está sujeito a todo tipo de problemas. Isso nos faz pensar que, apesar de a mentira ter aparecido nos casos apresentados, ela continua sendo comum em muitos outros espaços. Pode-se pensar que a mentira virtual é utilizada num contexto no qual, muitas vezes, as relações acontecem de forma rápida, volátil e que, por não deixarem rastros, teriam um peso diferente das mentiras ditas em situações presenciais,

registradas em gravações ou por escrito. Parece que o que escapa nos relacionamentos virtuais é o que não pode ser imediatamente confirmado, percebido ou experimentado, como no caso de Enzo, sem o contato olho no olho, sem as sensações transmitidas pelos órgãos dos sentidos destacadas por Sammartino (2009) e sem a possibilidade da confirmação da autenticidade do que é dito, conseguida, muitas vezes, com facilidade, pela proximidade física e pela manutenção do relacionamento. É interessante pensar até que ponto esse conjunto de sensações e impressões que escapa seria fator essencial para o desencadeamento da atração física. Shaver, Hazan e Bradshaw, citados por Silva (2007), afirmam que o amor não surge a partir de um único sentimento de alegria ou de tristeza, mas é uma experiência vivida de uma forma mais complexa, que abrange vários aspectos como o cognitivo, o emocional e o comportamental.

González Rey, citado por Silva (2007), afirma que as emoções precedem as ações, ou seja, a emoção é que conduz ao amor e faz com que este se expresse com clareza para o outro. Com relação a esse aspecto, Silva (2007) destaca que Eros era a palavra que os gregos usavam para se referir ao amor relacionado à sexualidade, pautado na atração e no desejo. Eros, segundo a mitologia grega, era uma criança que não estava desenvolvendo conforme o esperado. Sua mãe Afrodite, preocupada com o filho, queixou-se para Têmis, profeta da lei, que seu filho não crescia. Têmis explicou a Afrodite que Eros não desenvolvia porque era muito solitário, não compartilhava suas experiências e não experimentava trocas nem sentimento de pertencimento. Têmis encorajou Afrodite a ter mais um filho, afirmando que, se Eros tivesse um irmão, teria oportunidade de relacionar-se com alguém e que poderia crescer. Afrodite, seguindo a sugestão de Têmis, teve mais um filho - Anteros, Deus do amor mútuo e compartilhado. Através da experiência de cuidado e amizade com o irmão, Eros conseguiu crescer, transformando-se no Deus mais belo de Olimpo (BRAZ apud SILVA, 2007). A história de Eros, apresentada pela mitologia grega, ressalta a importância da presença de um “outro” no desenvolvimento do sujeito, já mostrando essa necessidade como algo vital e apontando, da mesma forma que Badiou e Truong (2013), para o amor como experiência da diferença.

Ainda com relação à atração, Bauman (2004) afirma existir uma diferença entre amor e desejo. O amor estaria relacionado à dedicação e ao cuidado direcionados à pessoa amada. O desejo, ao contrário, estaria relacionado a uma vontade de possuir e destruir.

Grant, citado por Silva (2007), afirma que o relacionamento maduro entre um homem e uma mulher surge da união do impulso sexual e da emoção amorosa, ainda que existam pontos divergentes entre eles. O autor afirma que o ideal seria que essas fases

viesses ordenadas na seguinte sequência: em um primeiro momento, viria a atração, em seguida o envolvimento amoroso, que culminaria no relacionamento sexual (GRANT apud SILVA, 2007). É instigante pensar até que ponto as relações amorosas da contemporaneidade, caracterizadas pela velocidade e pela procura do prazer imediato, seriam manifestações de amor, ou, exclusivamente, busca por sensações prazerosas. Num relacionamento sem perspectivas de manutenção, a mentira torna-se uma forma de chamar atenção do correspondente, que fica à espreita da resposta, com objetivo de sondar como o internauta recebeu aquela informação.

O “ficar”, tão comum na atualidade, da mesma forma que os relacionamentos virtuais que só visam ao lazer e à diversão, não busca relacionamentos duradouros e estáveis, procurando, apenas, por um prazer imediato, que não está sujeito a compromisso nem à manutenção das relações.

Justo (2005) afirma que essa nova forma de relacionar-se da adolescência é passageira, solúvel e busca pelo prazer imediato, ressaltando que os adolescentes são muito suscetíveis à virtualidade, já que estão em pleno momento de crise com relação à construção da subjetividade. Essa porosidade, típica dessa fase da vida, faz com que eles entendam, através de mensagens explícitas e subliminares, que os relacionamentos amorosos, da mesma maneira que os objetos de consumo, são feitos para ser descartados e durar só enquanto estiverem sendo interessantes o bastante, para serem mantidos. Dessa forma, o “ficar,” também comporta a mentira, já que a não continuidade da relação está implícita nessa condição, podendo tornar o mentir um detalhe pouco comprometedor. Já em outras circunstâncias, nas quais os parceiros buscam encontrar um companheiro através de um relacionamento que intenciona a manutenção e a aposta no sucesso do investimento amoroso, a mentira tem significado mais comprometedor, podendo gerar sofrimento e acabar com a relação. Quando se busca exclusivamente pelo prazer imediato, pouco interessa se o que está sendo dito e apresentado é verdadeiro ou não. Os sujeitos que escolhem pelos relacionamentos virtuais por curiosidade, num primeiro momento, sem a intenção de dar continuidade a eles, muitas vezes só estão em busca de prazer, entretenimento e aventura.

Poderíamos pensar que os relacionamentos virtuais surgiram a partir da necessidade que o sujeito da atualidade tem de encontrar rapidamente um provável parceiro, mediante a possibilidade que a virtualidade oferece de preservação do espaço individual e da liberdade e que, na tentativa de mantê-los intatos, prefere as modalidades descompromissadas e fugazes. Foi o que aconteceu com Anjinho, que, ao perceber que Lili estava em busca de um

envolvimento sério e duradouro e que o filho dela tinha expectativas com relação a casamento, terminou imediatamente o relacionamento.

Segundo Singly (2003), os indivíduos da atualidade estão com o olhar voltado para o tempo presente e, apesar de procurarem por um prazer instantâneo, sonham com um futuro de segurança e estabilidade. Os sujeitos que estão em busca de uma parceria amorosa estável e duradoura podem fazê-lo através de muitas modalidades, inclusive da virtual, que, através de seu efeito potencializador, proporciona um grande número de conexões num curto espaço de tempo. Quando o relacionamento passa a interessar e evolui, os sujeitos procuram a criação de vínculos, que, facilitados pela continuidade da relação, tendem a apertar os “nós” para que o espaço comum do “nós” seja tecido gradativamente, sem a urgência do imediatismo, através de laços firmes sustentados pela intimidade conquistada entre os parceiros.

Magiclady e Risima, que estavam em busca de uma relação estável, conseguiram encontrar-se na rede, através de um relacionamento pautado em informações verdadeiras e foram construindo, num passo a passo, vínculos de intimidade. À medida que iam convivendo foram conhecendo familiares, amigos, o que levou o relacionamento a um final positivo, como eles queriam quando buscaram o site para encontros amorosos. Esse caso aponta para a possibilidade de sucesso num relacionamento iniciado via Internet e serve também para mostrar que nem sempre as pessoas estão só em busca de aventura no ciberespaço.

5.4 Intimidade e distância: um desafio pós-moderno

A partir da ótica sociológica, a intimidade, segundo Giddens (1993, p.146), “[...] é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal.” O autor, em seus estudos sobre a transformação da intimidade, aponta para o relacionamento puro, um novo modelo de relação, muito comum na atualidade, que não demanda uma relação de intimidade e que pressupõe um relacionamento equiparado, com direitos iguais para homens e mulheres. Segundo o sociólogo, intimidade é a exposição de sentimentos e atitudes que não serão reveladas pelo sujeito, publicamente. Uma informação especial dada a um amigo ou a um parceiro, pode ser um indicador de intimidade. Entretanto, pelo que vimos, Dora, Lili e Magiclady estavam à procura de um relacionamento estável e duradouro. Apesar de isso não ter sido dito, subentende-se, pelo perfil das candidatas, que elas traziam valores da modernidade, como fidelidade, estabilidade e que procuravam por uma relação romântica. Percebe-se, através dos casos citados, o quanto os

indivíduos da atualidade ainda estão ancorados nos modelos de décadas anteriores, característicos da modernidade.

Magiclady comentou que acha muito complicada a questão do contato físico no primeiro encontro presencial. Segundo a expositora, os encontros via Internet não propiciam o contato com a pele, o que torna difícil uma aproximação física no início do relacionamento. Queixou-se de que muitos homens já vinham “pegando,” sem um mínimo de conhecimento ou intimidade, explicando que, para ela, era preciso começar do início; e destacou a importância do charme nesse momento. Percebe-se que Magiclady, apesar de ser uma mulher independente, culta e de ter morado num país desenvolvido, ainda carregava valores românticos; estava à procura de um relacionamento estável, valorizava uma aproximação gradual e sentia necessidade de um envolvimento anterior para manter um contato mais íntimo.

Rosa e Santos (2013) discutem a questão da intimidade e privacidade a partir do pensamento de Giddens, ao destacarem a controvérsia existente entre esses conceitos, pois a intimidade seria oponente da privacidade, já que ela demanda uma construção de um espaço comum que pode tornar-se uma ameaça à privacidade, dificultando essa coexistência. Questiona-se a possibilidade da criação de intimidade, num contexto de valorização da privacidade atravessado pela virtualidade, situação na qual o afastamento físico, associado à luta pela preservação do espaço privado, não favoreceria a criação de uma condição de intimidade.

As relações iniciadas na Internet, pelo menos no início, numa fase anterior ao contato presencial, favorecem a preservação do espaço individual por funcionarem através de troca de mensagens, informações e imagens, que, por permanecerem nesse espaço sem a possibilidade de comprovação, permitem ao usuário apresentar-se da maneira que quiser, na medida em que lhe for mais conveniente, sem necessariamente ter sua privacidade exposta. Essa possibilidade proporcionada pela virtualidade tem sido considerada um importante atrativo, tendo em vista, a valorização dada à manutenção da privacidade na contemporaneidade. Nesse sentido, Anjinho ficou assustado com a rapidez com que as mulheres se revelam nos contatos via Internet.

Sobre a velocidade na qual acontecem as exposições na rede, Bauman (2014) destacou, em entrevista recente, que atribui o sucesso do Facebook à necessidade que os indivíduos da contemporaneidade têm de fazer muitos amigos, afirmando que a atratividade dessa modalidade é conectar-se e desconectar-se, mas explicou que essa facilitação deixa as relações enfraquecidas. Segundo o sociólogo, essa prática teria surgido para ocupar uma

lacuna deixada pelo afastamento físico dos sujeitos pós-modernos, que, apesar da possibilidade de fazerem muitos amigos através da rede, sentem-se solitários. Ainda na entrevista acima mencionada, Bauman (2014) declarou que o sucesso do Facebook deve ser atribuído às demandas internas e urgentes de solidão do homem contemporâneo. O autor afirma que não é por acaso que o site permite aos usuários fazer um número exagerado de amigos, destacando que, ao longo de sua vida, não conseguiu fazer tantas amizades. Diante da possibilidade trazida pelo Facebook, o autor questiona se essas conexões seriam, realmente, relações de amizade, chegando a indagar, a partir dessa realidade, se a amizade não estaria modificada na pós-modernidade.

Da mesma forma que se busca amigos no Facebook, procura-se também por namoros virtuais. O autor ressalta que o amigo virtual não é o mesmo amigo conquistado numa fase anterior à virtualidade, através do relacionamento presencial, pois essa modalidade pensava numa continuidade que buscava sustentar as relações através de trocas, nas quais o convívio favorecia a criação de laços e tornava-se possível fazer alguma coisa pela pessoa, o que levava à construção de um vínculo. A partir dessa idéia, questiona-se se o relacionamento amoroso via Internet, da mesma forma como está acontecendo com os amigos do Facebook, é a mesma relação amorosa de uma fase anterior à virtualidade. Da mesma forma como nas relações de amizade, as relações amorosas também estão transformadas, soltas, pela ausência da gravidade sólida e em movimento. Bauman (2004) afirma que o contato virtual independe da criação de laços anteriores e que isso faz com que as relações permaneçam na superficialidade e tornem-se rápidas e banais.

Entretanto, Recuero (2009) acredita na possibilidade que a virtualidade tem de criar vínculos a distância. Percebe-se que a velocidade tem sido uma característica marcante nas relações amorosas da contemporaneidade, que está presente em outras formas de relacionar-se. Singly (2003) destaca que o desejo de manutenção do espaço individual compromete a criação do espaço comum do casal. Segundo o autor, o indivíduo da atualidade valoriza a liberdade, a agilidade de ir e vir, de só ficar, sem se comprometer, mas alimenta um sonho futuro com um final feliz, assegurado por estabilidade e um lar. Portanto, está lançado o desafio das relações amorosas da contemporaneidade: um modelo de relação que busca um prazer instantâneo, que não dispensa a privacidade do espaço individual e a liberdade, mas acalenta um projeto de vida idealizado, baseado nos valores da modernidade, pautado na estabilidade trazida pelo compromisso e pela promessa de amor eterno.

Para Bauman (2014) a questão da segurança e da liberdade representa uma grande dificuldade na atualidade, já que segurança sem liberdade significa aprisionamento. Afirma

que não existe uma forma equilibrada de coexistência desses dois aspectos e ressalta que esse é um problema de difícil solução, pois “não há nenhum ganho sem perda” (BAUMAN, 1998, p.10). Para o autor, não pode existir felicidade sem liberdade e segurança; e conclui que o equilíbrio ideal entre essas duas questões ainda não foi encontrado. Destaca que acha “curiosa” a existência dessa ambivalência num contexto de solidão.

Singly (2003) concorda com Bauman (2014) com relação a essa controvérsia da segurança e da liberdade, afirmando que essa dificuldade cria tensões internas, que atrapalham a construção do espaço comum do casal. Como conviver com segurança e liberdade “a dois” dentro da lógica individualista?

Segundo Badiou e Truong (2013), o amor é uma experiência marcada pela diferença, é uma vivência do “dois,” pois todo amor aponta para uma nova possibilidade de experimentar a verdade, a partir de “dois”, ou seja, amar é passar pela fase do encontro a caminho de uma nova vivência de verdade sobre o que é ser dois, é viver a partir da diferença. O embate entre a identidade e a diferença faz do amor uma experiência dramática. Para os autores (2013, p.18) “[...] No amor é que o sujeito vai além dele mesmo.” O outro é colocado como a possibilidade de experimentar o mundo, em todos seus aspectos, e, dessa forma, o sentimento não poderia ser pensado a partir do individual. Questiona-se como conviver com a experiência da diferença numa situação de ausência de contiguidade e dentro de um contexto, no qual, os sujeitos não querem abrir mão de seus espaços individuais. Como estaria acontecendo a vivência amorosa do “dois” no espaço privativo do “um”? Os autores apontam para amor como uma das vivências mais sofridas do sujeito. Anjinho, após a descoberta da traição da esposa, ficou deprimido e, após algumas tentativas de relacionamento, parece ter conseguido encarar o problema da impotência, ao declarar sua intenção de procurar um tratamento.

Gikovate (2012) adverte sobre essa questão quando aponta para a necessidade de se trabalhar o problema do individualismo nas relações amorosas da atualidade. Segundo o autor, para que a experiência amorosa seja vivenciada de forma madura, é preciso que os parceiros entrem “inteiros” na relação, pois, dessa forma, afastam a possibilidade de dependência que poderia existir com a união de “duas metades.” Para o psicanalista, a admiração e amizade pelo parceiro fornecem uma sustentação mais sólida do que a relação de dependência encontrada na união de “duas metades.” Parece que Anjinho e a esposa escoravam o casamento nas suas dificuldades até o momento da separação. Ele, com seu problema de impotência, e ela, sustentando um casamento que já estava minado pelo relacionamento que mantinha com outra mulher. Essa situação aponta para uma união de duas

metades, mostrando uma relação costurada na traição e insegurança, pois Anjinho, ao relatar que a esposa era um general na cama, demonstrou claramente suas dificuldades no relacionamento sexual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das mudanças sociais, a partir da obra de Bauman (2004), conduziu-nos a um desafio: perceber as transições através de um movimento que nos leva a sair de nós mesmos e de nossas circunstâncias, para entender como os fenômenos mutantes, já inscritos na sociedade atual, estão acontecendo. Essa travessia foi um momento difícil, pois, implicou na saída de uma zona de conforto de um terreno estável, para um espaço desterritorializado e em movimento, para investigar como as relações amorosas virtuais estão ocorrendo, ou seja, investigar o movimento, em movimento.

É na pós-modernidade que se percebe uma crise das relações, que aponta para as mudanças das formas de relacionar-se em um contexto de fluidez e de busca pela preservação do espaço individual. Entre as mudanças ocorridas após a Revolução Industrial, o crescimento do número de cidades, a mudança do papel da mulher e o aumento das distâncias, associadas aos avanços tecnológicos, trouxeram um afastamento físico, que contribuiu para o aumento das modalidades de comunicação. O relacionamento virtual surgiu a partir de uma demanda urgente de comunicação à distância, sendo a Internet a maior rede da atualidade. A pesquisa apontou para a realidade desse fato, mostrando, através do campo, como os relacionamentos amorosos virtuais estão acontecendo, em número cada vez maior, viabilizados pela facilitação dos contatos e sem a necessidade do deslocamento físico.

Outros atrativos apresentados, como a possibilidade do internauta de apresentar-se da forma como quer, através da criação de personagens idealizados, ou a partir da própria imagem repaginada, foram confirmados pelos casos apresentados, como uma maneira possível de despertar atenção do internauta. É interessante pensar na ideia, trazida a partir dessa possibilidade aberta pelo espaço virtual, do internauta poder imaginar-se de uma maneira melhorada. Não poderia essa tentativa de re-construção, ainda que idealizada, apontar, simbolicamente, para uma possibilidade de mudança? Questiona-se até que ponto a virtualidade poderia funcionar como um estímulo a algum tipo de mudança que, através dessa mescla favorecida pela fusão homem-máquina, pudesse ser positiva para o sujeito, levando-o a perceber essa possibilidade, como uma chance de mudar para melhor.

O campo mostrou que a mentira tem sido muito utilizada nas relações online, funcionando como “isca,” na tentativa de atrair o possível parceiro. Percebeu-se que a mentira permaneceu sustentada até o início do relacionamento presencial. A pesquisa confirmou que a virtualidade está sendo utilizada, com muita frequência, para o início das relações, e que, quando os parceiros se sentem atraídos, há uma forte tendência a redirecionar o

relacionamento virtual para o encontro presencial. Esse dado mostra como a forma presencial, o contato olho no olho, é importante quando o relacionamento busca por manutenção e evolução. Nos casos apresentados, a possibilidade da criação de vínculos de intimidade, através da evolução das relações, mostrou-se, muito associada, ao encontro presencial. Nos encontros virtuais, que evoluíram para os presenciais, observou-se que a atração física foi um fator decisivo para a manutenção e evolução da relação.

A prática clínica da pesquisadora confirma os resultados encontrados no campo, através dos relatos de clientes, que estão buscando, com mais frequência, a Internet como meio para encontrar um parceiro. O referencial teórico foi confirmado pelas análises feitas nos estudos de casos, revelando uma tendência direcionada para o relacionamento puro, que pressupõe uma troca equiparada no dar e receber afeto, cuja manutenção só será possível, enquanto interessar às partes envolvidas.

A pesquisa aponta para uma diferença expressiva relacionada a gênero, destacando que as mulheres se apresentam no espaço virtual, com mais facilidade e sinceridade, e tendem a buscar pela manutenção das relações com mais frequência que os homens. Neves (2007) ressalta uma tendência feminina de busca pelo amor romântico e de um maior empenho direcionado a manutenção dos relacionamentos e ao casamento ancorado no amor.

Considerando-se que a procura por relacionamentos amorosos via Internet está crescendo consideravelmente, questiona-se o que o sujeito contemporâneo procura ao escolher por um relacionamento virtual. A busca por essa via seria uma escolha ou uma falta de escolha? A virtualidade permite que o usuário permaneça no anonimato, deixando-o livre, mais afastado de cobranças sociais e envolvimento físico, levando-o a sentir-se, mais à vontade, para iniciar e finalizar as relações. Essa foi uma constatação marcante no estudo de casos. O campo apontou para esse atrativo, confirmando a teoria de Bauman (2004) que destaca que a virtualidade, como uma possibilidade de conectar e desconectar com facilidade, com o mínimo de envolvimento e o máximo de possibilidades.

Os casos estudados sinalizaram para a presença de um paradoxo existente entre uma procura crescente pelo envolvimento amoroso e a dificuldade para relacionar-se. Essa realidade nos leva a questionar sobre o que deseja, realmente, o sujeito contemporâneo, que teme perder seu espaço individual, mas está em busca de um relacionamento amoroso. Seria o namoro via Internet uma possibilidade de conciliação da relação amorosa com a preservação da individualidade? Afinal, qual seria o tipo de relacionamento que o sujeito contemporâneo deseja?

De acordo com o pensamento de Bauman (2004) e Singly (2003), a maior dificuldade das relações da atualidade é a coexistência da liberdade com o espaço comum do casal, necessário, da fusionalidade. Juntar duas individualidades “hipervalorizadas” para formar um espaço comum tem sido o grande desafio dos relacionamentos contemporâneos. Entretanto, ressalta-se que o relacionamento virtual, ao contrário do que Bauman (2004) afirma, tornou-se uma grande via de possibilidades de relacionamentos, não podendo ser responsabilizado pelas dificuldades apresentadas nas relações amorosas.

A pesquisa comprovou que as dificuldades apresentadas nos relacionamentos não estavam associadas à utilização da Internet. A virtualidade acabou se mostrando uma via de grande alcance no que se refere à quantidade de conexões alcançadas. Os casos apresentados confirmaram o pensamento de Gikovate (2012) e Ben-zé-ev (2005), comprovando que as dificuldades existentes nas relações contemporâneas estão mais associadas à incapacidade que o homem da atualidade vem apresentando para lidar com a questão do individualismo e com a falta de habilidade para lidar com as relações.

A fusão do homem com a máquina já é uma realidade incorporada na vida do sujeito contemporâneo, que, como em todas as situações de mudança, está gerando dificuldades e estranheza, provocando impactos na sociedade. A Internet deve ser percebida como mais um meio de comunicação que, por permitir que sejamos, simultaneamente, atores e espectadores, através dessa mescla do homem com a máquina, penetrou em nós com profundidade. Poderíamos pensar na possibilidade de atualização como algo que legitima a interação, já que nunca fica ultrapassado. A promessa de amor eterno, feita em décadas anteriores, não se sustentou, e essa realidade nos leva a pensar até que ponto a possibilidade de atualização permitida pela virtualidade não significaria uma possibilidade de manutenção, em tempo real, das experiências amorosas. Portanto, as dificuldades encontradas nos relacionamentos amorosos da contemporaneidade não podem ser atribuídas, exclusivamente, à utilização da rede.

É preciso que o homem contemporâneo saiba como quer se relacionar, para que possa reinventar o amor através da criação de outros códigos, à sua moda. A nova performance do sujeito, inaugurada a partir da mescla do humano com o mecânico, já é uma questão que está posta; e que nos leva a refletir como serão as novas versões do amor. Enquanto construção em andamento, o amor está sujeito às modificações acarretadas pela fusão do homem com a máquina, e esses impactos estão provocando mudanças profundas nas formas de relacionar-se da contemporaneidade. Nesse contexto mutante, regido por movimentos de rotação e translação, falar de amor torna-se uma tarefa desafiadora: fala-se de

qual homem e de que amor, já que os dois estão em transformação? Dessa forma, torna-se difícil definir, caracterizar ou ousar explicar como tudo isso acontecerá.

Diante dessa realidade, fica a certeza de que o estudo serviu para, como terapeuta, tornar nossa escuta flexível e buscar entender esse cliente como um ser que se metamorfoseia e que, nessa instabilidade trazida pela constante mudança, tenha uma possibilidade de inscrever-se na vida, com menos sofrimento e mais confiança. Para os internautas que utilizam a rede como meio de busca por relacionamentos amorosos, espera-se que o estudo possa contribuir, de alguma forma, em seus investimentos amorosos.

Parece que no futuro, o amor potencializado, oferecido no atacado, em grande escala, não irá se satisfazer através de um único relacionamento em cada tempo, e vai viver à procura de quantidades, em busca de mais prazer, não através de um amor, mas da experiência variada de poliamores. Se pensarmos sob a lógica do consumismo, precisaremos de vários e descartáveis amores em nossas experiências afetivas, rumo ao nosso desejo maior: o de ser feliz.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sônia. Redes Sociais e teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v.12. 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel.index.php/informa%7Bao/article/view/1784>> Acesso em: 20 ago. 2012.
- BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2013.
- BARROS, Carla C. **A adolescência e MSN: o arranjo tecnológico da intimidade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós- Graduação em Psicologia. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <www1.pucminas.br/documentos/dissertacao_carla_costa_barros_pdf.2010> Acesso em: 20 ago. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós- modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 15. ed. 2000.
- BEN-ZE'EV, Aaron. *Love on Line*. **CPV vestibulares**. UNIFEST, São Paulo. 2005. Disponível em: <http://www.cpv.com.br/vestibulares/UNIFEST/2005/resolucoes/resolucao_inifesp2005_redacao.pdf> Acesso em: 10 ago. 2014.
- CARRIÇO, Antônio S; SILVA, Fabiano P.; SANTOS, Heloisa O. ; VEIGA JÚNIOR, Maurício H. “O amor como paixão:” sociedade e relações íntimas em Niklas Luhmann. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais- IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 3, p.91-100, 30 mar. 2006. Anual. Disponível em:<<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>> Acesso em: 13 jul. 2014.
- CHAVES, J. **Contextuais e Pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós- modernidade**. 2004. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós- graduação em Psicologia Social e da Personalidade. Rio de Janeiro.
- CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga. v.16, n.02. 2003. Disponível em: <http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf> Acesso em: 22 ago. 2012.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **Identidade**. S.T. Lane& W. Godo Editores. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem a favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DELA COLETA, A. M., DELA COLETA, M. F. GUIMARÃES, J.L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.13, n.2. abril a junho. 2008. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200010>> Acesso em: 15/12/2011.

DONNAMARIA, Carla Pontes. **Do vínculo virtual ao conjugal**: um estudo psicológico. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da vida. Campinas. 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde.../processArquivo.php?...>> Acesso em: 15 mar. 2013.

DONNAMARIA, C.P; TERZIS, A. Sobre evoluções de vínculos conjugais originados na Internet. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.61, n.3. 2009. Disponível em:<<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/458/361>> Acesso em: 14 ab. 2013.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **SciELO**. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v. 11 n.2. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>> Acesso em: 16 fev.2013.

FOFONCA, Eduardo. Cultura, Sociedade contemporânea e perspectivas do corpo digitalnosciberespaços: significações interdisciplinares. **Sociologias Plurais**. Curitiba. v.1, n.1, fev. 2013. Disponível em: <http://www.sociologiasplurais.ufpr.br/revista_v1n1.pdf.2013> Acesso em: 5 out. 2013.

FREUD, Sigmund. **Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Sigmund Freud**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago editora LTDA. 1ª edição, 1974. GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIKOVATE, Flávio. **Uma nova visão do amor**. 2012. MG Ed., São Paulo. Disponível em: <http://flaviogikovate.com.br/uma_nova_visao_do_amor.pdf> Acesso em: 15 out. 2013.

HEILBORN, Maria Luiza (org.). A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed Objetiva, 2009- 1ª edição.

JURIGAN, Alcione Fátima da Silva. **Teoria Social Contemporânea Giddens** ||. 2010. Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade metodista de São Paulo. Polo Campinas. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/jurigan/teoria-social-contemporanea-giddens-ii>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

JUSTO, José S. O ficar na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade. **Revista do departamento de psicologia- UFF**, Rio de Janeiro. v.1, n.1, p.61-77, jan/jul. 2005.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de Metodologia em Ciências Humanas. Adaptação da obra: Lana Mara Siman. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed.34,1996. Ano da obra: 1956.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução: Terezinha Monteiro Deutsch- São Paulo: Manole. 1ª edição, 2005. Ano da obra: 1993.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Lisboa: DIFEL, 1991 (cap. XIII- Amor Romântico, p.p 171- 192).

MONTAÑO, Sonia. A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e EdgarMorin. In: **Fronteiras do Pensamento**, Porto Alegre. 2011. Disponível em: <<http://www.frenteirasdopensamento.com.br/portal/content/resumo2011-edgar-morin.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

NEVES, Ana Sofia A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.15, n. 3, Set/Dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/SO104-026X2007000300006>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet. **Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Campos, 1998. Disponível em: <pt.scribd.com/doc/51913263/na-malha-da-rede-online>. Acesso em: 12 jan. 2012.

NICOLACI- DA- COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia Social**. Porto Alegre, v.17, n.2,2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/sciel>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

OLIVEIRA, Isabela. A era do casamento.com. **Jornal Estado de Minas** // Belo Horizonte. Comportamento, p.6, ago. 2013.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 2001.

PAULOS, John A. El éxito de facebook es haber entendido necesidades humanas muy profundas. **Metatemas**. Madrid y Barcelona, mayo 28, 2014. Disponível em:< <http://sociologos.com/2014/05/28/zygmunt-bauman-el-exito-de-facebook-es-haber-entendido-necesidades-humanas-muy-profundas/>>Acesso em: 27/6/2014.

PRADO, Adelia. O Amor. Literatura em Gotas. Disponível em: <https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/tag/adelia-prado/> Acesso em: 30 julho 2013.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede: Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. **Cibercultura**. Porto Alegre: sulina, 2012. Disponível em: <<http://www.editorasulina.com.br/detalhes.php?id=547>> Acesso em: 11 out. 2013.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. **Cibercultura**. Porto Alegre: sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.icha.ufa.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternwtrecuero.pdf>> Acesso em: 10 out. 2013.

ROSSO, L. U. **O perfil dos usuários da comunicação mediada por computador: uma abordagem psicológica**. Dissertação (Mestrado). Universidade metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, 2005. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?coadArquivo>. Acesso em: 12 dez.2012.

ROSA, Gabriel A. SANTOS, Benedito R. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

SÁ, Olga. Linguagens líquidas e Literatura – virtualidade e subjetividade. **Kaliópe**, São Paulo, ano 5, n.1, p.31-36, jan/ jun 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/kalioppe/article/download/3828/2495>> Acesso em: 20 jul. 2013.

SAMMARTINO, T. T. A psicologia dos relacionamentos na Internet. **Revistas eletrônicas**. Setembro, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologiadigital.com/2009/09/13/9-psicologia-dos-relacionamentos-naInternet>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SAMPAIO, Alice. **Amor na Internet: quando o virtual cai na real**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locomotivas. **Famecos**, Porto Alegre n.37, 2008. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/%20viewFile/4795/3599>>Acesso em: 28 jul. 2013.

SARAIVA, Luana N. CABRAL, Adilson. A internet que nos protege. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro. n.4, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/adilson1.htm>> Acesso em: 01 fev. 2013.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. **Filigrana**. v4. 2008. Disponível em: <http://www.oshowdoeu.com.br/downloads/trecho_oshowdoeu.pdf> Acesso em: 20 mar. 2013.

SILVA, Lia F.A. Relações Líquidas e pós- modernidade: formação de nova família. **Uniceub**, Monografia (Graduação).Centro Universitário de Brasília, Brasília. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2977/2/20261376.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2014.

SINGLY, François. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços**. Lisboa, 2003.

SOSSAI, Fernando C. Linguagens em primeiro plano: notas sobre a condição pós-humana. **Linhas**, Florianópolis v.10, n.02, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1882/1477.2010>> Acesso em: 25 jul. 2013.

SOUZA, Marina G. C. de. Produção de subjetividade e Internet: o Orkut como instrumento da análise da subjetivação contemporânea. **Fazendo Gênero**. Santa Catarina, v. 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276563299_ARQUIVO_TextocompletoFazendoGenero2010.pdf> Acesso em: 2 jul. 2014.

VILICIC, Filipe; LUCCHESI, Renata. Direto ao ponto. **Veja**, São Paulo, Ano 46, n.7, p. 64-69, fevereiro 2013.

WANDERLEY, Antônio A. R. Narcisismo contemporâneo: uma abordagem Lechiana. **PHYSIS: Rev Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.9, n.2 p.31-47, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/physis/v9n2/03.pdf> Acesso em: 2 ago. 2014.